

Prospectiva (Frutal-MG).

Contribuições do educador Paulo Freire para o ensino de Geografia.

Matheus Machado Silva.

Cita:

Matheus Machado Silva (2016). *Contribuições do educador Paulo Freire para o ensino de Geografia*. Frutal-MG: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/52>

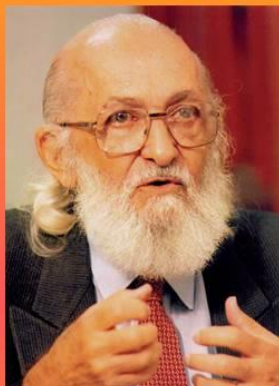
ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pVe9/4tb>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Matheus Machado Silva



**Contribuição do educador
Paulo Freire para o ensino de Geografia**



Matheus Machado Silva

**Contribuições do educador Paulo Freire para o
ensino de Geografia**

**Frutal-MG
Editora Prospectiva
2016**

Copyright 2016 by Matheus Machado Silva

Capa: Jéssica Caetano

Foto de capa: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

<http://paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>

<http://cageografia.webnode.com.br/a-geografia/o-simbolo/>

Revisão: O autor

Edição: Editora Prospectiva

Editor: Otávio Luiz Machado

Assistente de edição: Jéssica Caetano

Conselho Editorial: Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

Contato da editora: editorapropectiva@gmail.com

Página: <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

Telefone: (34) 99777-3102

Correspondência: Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

SILVA, Matheus Machado.

Contribuições do educador Paulo Freire para o ensino de Geografia. Frutal: Prospectiva, 2016.

ISBN: 978-85-5864-069-5

1. Ensino. 2. Educador. 3. Práticas Pedagógicas. 4. Paulo Freire. I. Silva, Matheus Machado. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título.

AGRADECIMENTOS

À professora Ana Maria Taveira Braga pela dedicação na realização deste trabalho, que sem sua importante ajuda não teria sido concretizado e também pelo incentivo e sugestões dadas para a realização do TCC.

Aos meus pais, Écio Carlos da Silva e Núbia Machado, que me ensinaram a não temer desafios e a superar os obstáculos com humildade.

À minha avó Maria Tereza de Carvalho pelo incansável estímulo proporcionado por meio do objetivo impregnado neste intento.

Às professoras Lucia Elena Brito e Angela Machado por fazer parte da banca examinadora.

Ao meu avô Wilson Machado por sempre me incentivar à nunca desistir de meus sonhos.

Aos meus avós Armando Mateus da Silva e Nadir da Silva Mateus pelo incentivo, carinho e apoio prestado.

Aos meus bisavôs Florindo Quirino de Carvalho (in memoriam), Francisco Machado da Silva (in memoriam), João Alfredo da Silva (in memoriam) e Osório Mateus da Silva (in memoriam) pelos exemplos de humildade, honestidade e perseverança que trago comigo em toda a minha existência.

Às minhas bisavós Marcelina Menezes de Carvalho (in memoriam), Maria Batista da Silva (in memoriam), Maria Fernandes da Silva (in memoriam), Palmira Freitas da Silva (in memoriam) e Sebastiana David Machado (in memoriam) pelo carinho e amor á mim dedicados.

Às professoras Ana Lázara Chagas, Ana Paula de Freitas Romão Murari, Ângela Machado de Paula, Cristiane Freitas de Azevedo Barros, Eliana Aparecida Panarelli, Gercina Ângelo, Leila Maria Franco, Luana Moreira Marques, Lúcia Elena Franco Brito, Marli GranielKinn e Sofia Brito, por ter me transmitido conhecimentos geográficos relevantes nas etapas abrangidas pelo curso de Licenciatura em Geografia.

Aos meus tios, tias, primos e primas pelo carinho e dedicação recebidos e à minha irmã Mariana.

Aos professores André Vinícius Martinez, Daniel Previatelli, Eduardo Rodrigues Ferreira, Leandro de Souza Pinheiro, Millôr Godoi Sabará, Rafael de Ávila Rodrigues, Sérgio FumioMiyahara, Thiago Torres Costa Pereira e Wagner César Redua por todo o conhecimento geográfico transmitido no curso de Licenciatura em Geografia que foi de importantíssima consolidação em minha formação.

Aos meus amigos Aldeane José Gomes, Aline Aparecida dos Santos Silva, Caio César de Paula Pereira, Carlen Sales Silva, Cássio Garcia Queiroz, Dayane Bezerra de Lima, Eliane Borges Nunes Barbosa, Elisângela Garcia da Silva, Fernando de Souza Tamburús, Geovani Andrade Silva, Inêz Cristina Martins, Luana de Pádua Soares e Figueiredo, Magali Cardoso de Menezes, Maria Paula de Souza Silva, Marly Borges de Oliveira, Paulo Luciano de Oliveira Crespo e Vitor Borges Carneiro, pelo incentivo e apoio durante a realização do trabalho.

E aos demais que, de alguma forma, contribuíram na elaboração deste TCC.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas e Técnicas

EA- Educação Ambiental

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEB- Movimento de Educação de Base

PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

NOTA DO EDITOR.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
1 CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE GEOGRAFIA: TEORIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DE PAULO FREIRE.....	30
1.1 Paulo Freire e o ensino de Geografia.....	30
1.2 O espaço geográfico como categoria essencial para a construção de uma cidadania ativa.....	40
1.3 O ato de ler o mundo e a palavra	51
2 O DISCURSO FREIREANO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL MAESTRO JOSINO DE OLIVEIRA.....	63
2.1 Relato do professor Douglas José de Freitas.....	63
2.2 Relato da professora Marielza Ferreira da Silva.....	71
2.3 Relato da professora Sônia de Oliveira Vieira	80
3 O DISCURSO FREIREANO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL VICENTE MACEDO.....	96
3.1 Relato da professora Eliese Borges da Silva.....	96
3.2 Relato da professora Josiane José de Souza	104
3.3 Relato da professora Leandra Pessoti Leone.....	113

4 ENSINAR-APRENDER: A INSPIRAÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A PRÁTICA DOCENTE.....	129
4.1 Uma teoria que nasce da prática	129
4.2 Prática pedagógica na formação do professor de Geografia.....	138
4.3 Habilidades, competências e atitudes	146
CONCLUSÃO.....	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	165
ANEXOS.....	173

NOTA DO EDITOR

Uma produção acadêmica de interesse da sociedade com enorme potencial de esclarecimento de questões do campo educacional faz parte do trabalho de Matheus Machado Silva

Como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ubá, também contou com a orientação da Professora Ana Maria Taveira Braga.

A versão original impressa poderá ser consultada na Biblioteca da Unidade de Frutal. Nossa alegria é imensa por contar com a autora no trabalho de popularização da ciência e da divulgação científica. Quando nos permitiu publicar o trabalho para torná-lo acessível para consulta gratuitamente na *internet* contribuiu para a ampliação da cultura do acesso livre ao conhecimento e da transparência das atividades universitárias.

Professor Otávio Luiz Machado
Editora Prospectiva

INTRODUÇÃO

Paulo Reglus Neves Freire foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro nascido em Recife no dia 19 de setembro de 1921 e falecido em São Paulo no dia 2 de maio de 1997 aos 75 anos. Escreveu relevantes obras como “Pedagogia da Autonomia: Dos saberes necessários á prática educativa”, “Pedagogia da Esperança” e “Pedagogia do Oprimido”. Recebeu o apelido carinhoso de “andarilho da esperança”. É um dos maiores nomes da educação brasileira sendo considerado o brasileiro mais homenageado da história. Tem como seus maiores discípulos Moacir Gadotti e sua filha Madalena Freire. Em 1964 com a ferrenha ditadura foi exilado para a Bolívia retornando ao Brasil somente em 1980, ou seja, 16 anos depois. Foi ferrenho defensor da educação libertadora. Foi casado a primeira vez com a educadora Elza Costa Freire e a segunda com a educadora Ana Maria de Araújo Freire.

O método freireano visa à libertação através da aprendizagem. Esta libertação não se refere somente à aspectos fenomenológicos, mas também sociais, políticos, culturais e espaciais. Para Paulo Freire o

espaço geográfico é revelador da realidade. Ao transmitir conteúdos geográficos aos seus educandos o educador deve estimular esta curiosidade. Não adianta memorizar mecanicamente o conteúdo sem ter a liberdade de aventurar-se no mundo do conhecimento. A prática pedagógica freireana é comunicativa, dialógica, onde não objetiva-se somente transferir o saber, mas sim significar os significados. Deve-se respeitar a autonomia e as experiências vivenciadas por cada aluno. Antes da ciência e do formalismo deve vir a experiência cotidiana dos indivíduos. A aprendizagem da vida deve vir acompanhada da aprendizagem escolar.

A opção pela Pedagogia da Libertação traz um sério desafio ao professor que pretende organizar os conteúdos e elaborar material didático para o ensino da Geografia. Se, temos como grande objetivo no ensino de Geografia, dotar nossos alunos de capacidade suficiente para perceber a espacialidade particular de cada sociedade, devemos entender as manifestações paisagísticas como grandes “sintomas” a esclarecer os rumos de determinada comunidade ou sociedade

(FERREIRA DO VALE e MAGNONI, 2012,p.107).

Em todas as etapas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio o professor de Geografia deve buscar por meio de suas aulas promover reflexão crítica decodificando os conteúdos geográficos, aproximando-os estes da realidade de seus alunos. O docente aprende e bastante com seus discentes, o que retrata o “conhecimento inacabado” que o renomado educador Paulo Freire abordou em sua obra “Pedagogia da Autonomia”. O professor de Geografia para Freire poderia contribuir para a reflexão crítica de seus alunos agindo de acordo com princípios estéticos e éticos. A Geografia por ser uma ciência questionadora da realidade traz consigo um caráter extremamente revolucionário. O educador associando teoria à prática conseguirá obter progresso em sua prática pedagógica objetivando-se disseminar os conhecimentos geográficos de forma consistente.

As contribuições de Freire no despertar da autonomia do educador e dos educandos, dentro da perspectiva geográfica, se consubstanciam de maneira criativa e

participativa, uma vez que lida com o cotidiano e a crítica da sociedade, através de temáticas atuais que aguçam a inteligibilidade e a cognição dos educandos a partir das informações que são vivenciadas e veiculadas pela mídia, bem como desmistificadas e aproveitadas durante o processo de ensino-aprendizagem (MENDES, 2010, p.28).

Ler a obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire é uma oportunidade singular para o professor de Geografia ao escolher sua metodologia didática. Somente conseguirá obter reflexão crítica de seus discentes aquele docente que “pensa certo”. A “educação bancária” foi um termo extremamente utilizado por Freire para referir-se ao ensino onde informações são depositadas nos educandos, assim como dinheiro é depositado nos caixas bancários. Este ensino bancário pode ser exemplificado na Geografia Tradicional fazendo-se alusão ao Positivismo formulado pelo filósofo Auguste Comte onde não se valorizava a criticidade no estudo dos fenômenos intentando-se a fenômenos humanos. O professor de Geografia democrático é aquele que aproxima seus alunos da realidade vivenciada por

estes. Todos nós somos sujeitos históricos, portanto, não podemos naturalizar- os fenômenos humanos.

Portanto, o professor de geografia tem que saber o que os alunos pensam sobre os conceitos-chave desta ciência, como: Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar. Para que se possa aproveitar o que os educandos já sabem de coerente e superar o erro que eles possuem sobre tais conceitos. Sendo assim, o professor de geografia estará despertando a curiosidade de seus educandos, que através de um processo de aprendizagem passará de ingênuo para a epistemológica (FREIRE, 2005, p.14).

O professor de Geografia deve respeitar o senso comum e a capacidade criativa de seus discentes. O conteúdo geográfico lecionado deve adequar-se à realidade dos educandos. As experiências sociais são importantíssimas para os estudos geográficos. O educador democrático faz com que os educandos desenvolvam conseqüentemente através de suas práticas pedagógicas executadas curiosidade e criticidade. O professor de Geografia não pode mudar seu discurso de uma hora para outra. Não tem

como ser revolucionário e conservador ao mesmo tempo. O educador que “pensa certo” busca inovar e não ficar na mesmice atendo-se somente a métodos tradicionalistas falhos e insuficientes. O professor de Geografia não é o dono da verdade e sim um ser que busca constantemente alcançar a verdade. Os estudos geográficos lidam com sentimentos, emoções e desejos ocorrentes no que se conceitua por espaço geográfico.

Ao adquirir a consciência do inacabamento e dos conceitos sobre território e espaço geográfico, o professor de geografia tem que acima de tudo saber que só os seres que se tornaram éticos podem romper com a “ética”. Pois só através dessa conscientização é que compreendemos o motivo pelo qual o homem interfere negativamente sobre o espaço, preservando ou negligenciando o suporte. Ora, inventando a linguagem, dando nome às coisas, aos objetos. Ora, destruindo o meio ambiente e a camada de ozônio (MENDES, 2010, p.31).

“Pensar certo” não é transferir conhecimento, tendo-se em vista que este é inacabado e um processo

imensamente dotado de tendências construtivistas. Não se adentra um aluno como se faz com um animal e sim, ensina-o. O homem é condicionado e não determinado como assim idealizava o geógrafo alemão Friedrich Ratzel através de sua corrente paradigmática conceituada como Determinismo Geográfico. Aquele indivíduo que não age com responsabilidade ética, histórica, política e social no mundo não pode ser considerado um sujeito histórico. Quando os docentes e discentes percebem seu conhecimento inacabado, tornam-se conseqüentemente indivíduos mais críticos e curiosos. Para Paulo Freire o professor de Geografia devia ser bastante esperançoso, para transmitir também esperança aos seus educandos.

O educador que ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica (FREIRE, 2005, p.16).

Somente respeitando a autonomia do educando o professor de Geografia pode ser respeitado. A prática docente então deve ser caracterizada por tal

liberdade que Paulo Freire tanto enfatizou em sua obra “Pedagogia da Libertação”. Assim, como os renomados geógrafos Milton Santos e Roberto Lobato Corrêa, Freire também valorizou os aspectos sociais, relevantemente em seus estudos. A prática pedagógica nos faz refletir sobre a importância da ação-reflexão e do diálogo na prática docente. As características particulares do ambiente educacional não podem ser menosprezadas objetivando-se o bom desenvolvimento da prática pedagógica. Todo saber traz consigo riquíssimo conteúdo no ensino-aprendizagem. O educador deve compreender a cidadania como participação social e política posicionando-se de maneira crítica, responsável e construtivista transformando o ambiente educacional e também a prática pedagógica desenvolvida por este.

Paulo Freire percebia que a ação educativa como ação essencialmente comunicativa, dialógica, na medida em que a verdadeira aprendizagem não consiste na “transferência do saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. A partir dessa concepção de Educação, ousaremos fazer uma reflexão

sobre o ensino de Geografia, como ciência do espaço marcado pela presença humana reagindo ao ambiente (FERREIRA DO VALE e MAGNONI, 2012, p.108).

Quando abre espaço para novas oportunidades o educador compromete-se plenamente com o sistema educacional. A aventura de conhecer o novo é extremamente importante para o bom desenvolvimento da prática docente. Refletindo-se sobre a prática pedagógica antiga e atual conseguirá obter-se melhoria no futuro. Todos os professores de Geografia são capazes de realizar modificações em suas práticas pedagógicas e metodologias didáticas. Respeitar a identidade cultural do educando é um dos princípios presentes na obra “Pedagogia da Autonomia” elaborada pelo renomado educador Paulo Freire. Todos os educadores são seres históricos, pensantes e comunicantes capazes de criar novas coisas e realizar transformações diversas em âmbito educacional. O ser humano é inacabado e está em constante aprendizado. O professor de Geografia deve estar sempre aberto às inquietações de seus alunos.

O espaço não é neutro, e a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser (FREIRE, 2005, p.28).

Pode-se dizer com toda certeza que em toda localidade onde encontra-se presente vida encontrar-se-á também presente inacabamento. Portanto, o ser humano está sempre insatisfeito, ou seja, sempre se construindo. E através do reconhecimento deste inacabamento que nos tornamos professores de Geografia realmente éticos. O oprimido é sem sombra de dúvidas sujeito histórico e geográfico.

Somente a educação libertadora é capaz de fazer do oprimido um sujeito de sua história. Trabalhar geograficamente as desigualdades sociais é papel imprescindível do educador valorizando-se assim, enfaticamente o oprimido. O processo de autonomia do educando é imensamente construtivista. Todo professor de Geografia deve ser exímio pesquisador estimulando seus alunos para que espelhando-se nestes, busquem empenhar-se com ardor na pesquisa que é de excelente consolidação metodológica e didática nos estudos geográficos.

A formação docente tem como saber a assunção da inconclusão do saber, pois não é a educação que fez dos seres humanos educáveis, mas a consciência desta inconclusão que gerou a educabilidade. Partindo deste princípio, o educador tem que ter para com o educando, acima de tudo, respeito à sua autonomia, fazendo valer o seu exercício ético, caso contrário, transgredirá os princípios éticos de nossa existência. Por sua vez a prática docente deve ser coerente, fazendo refletir sobre o bom senso que o educador deve ter para ponderar a contradição existente entre autoridade-

liberdade, e para fazer valer os seus direitos como educador para melhor cumprir seus deveres (MENDES, 2010, p.105).

A pesquisa está totalmente associada ao ensino de Geografia. Esta deve fazer parte do cotidiano educacional. É importantíssima a criação de projetos no cenário escolar valorizando-se assim concomitantemente a pesquisa. A motivação faz parte da ação. Concorda-se com Freire quando este diz em suas sábias palavras que não há docência sem discência. Todo professor de Geografia também aprende ao ensinar. Os discentes não são páginas em branco e sim indivíduos ativos e conseqüentemente transformadores. O bom professor deve saber ouvir, discutir e expressar-se. O processo de ensino-aprendizagem deve ser encarado pelo professor de forma alegre e otimista. Sabe-se que a questão salarial e o desrespeito à educação são grandes empecilhos na caminhada docente, mas quando existe amor na profissão e real vocação no ato de ensinar consegue-se romper com tais obstáculos e seguir adiante com perseverança, força e vontade.

É preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos

e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos (FREIRE, 2005, p.60).

A educação deve ser encarada como um ato de conhecimento, político, ético e estético. Freire utilizou-se bastante do termo “dodcentes” para fazer alusão ao fato que o docente em sua formação também é discente. Falar de Paulo Freire não é uma missão fácil levando-se em consideração suas vastas contribuições em conteúdos teóricos e também práticos. Em seu livro “Pedagogia do Oprimido” surge o termo “educação bancária” onde Freire caracteriza esta como rompimento à perspectiva humanística. Este tipo de educação aliena e manipula os discentes e não realmente os ensina. A educação libertadora opõe-se à educação bancária. O conhecimento não deve ser vendido e sim compartilhado. Em seu livro “Extensão ou Comunicação?” Freire utiliza-se do termo interação dialógica demonstrando que o diálogo é uma ferramenta valiosíssima no processo de ensino-aprendizagem.

Ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 1983, p.33).

A interação dialógica ocorre por meio de três parâmetros que são sequencialmente: investigação temática, tematização do conhecimento articulada à realidade vivida e problematização do conhecimento. A investigação temática ressalta a visão de mundo impregnada no sujeito social promotora de conscientização. A tematização demonstra a

intervenção pedagógica na formação do sujeito social e histórico. A problematização alude à tarefa do educador de problematizar os conteúdos e não simplesmente dissertar sobre estes. A educação libertadora trabalha com predomínio imensurável a relação existente entre autoridade e liberdade. A leitura da palavra somente ocorre com êxito quando acompanhada da leitura do mundo. Através da criação de projetos didáticos o professor de Geografia vivencia o conceito de interação dialógica tão propagado por Freire.

O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação. [...] A problematização dialógica supera o velho magister dixit... [...] Rejeitar, em qualquer nível, a problematização dialógica é insistir num injustificável pessimismo em relação aos homens e à vida (FREIRE, 1983, p.37).

Para a educação bancária o professor é o único dono do saber, descartando-se assim totalmente as experiências cotidianas vivenciadas pelos discentes. Fazer com que o aluno permaneça em silêncio memorizando e reproduzindo as informações transmitidas pelo professor trata-se de uma metodologia falha e insuficiente. O aluno educado bancariamente torna-se um oprimido como dizia Freire. A educação bancária alude à opressão e à exclusão em âmbito educacional. As práticas pedagógicas dos professores de Geografia infelizmente nem sempre apregoam o que rege a perspectiva educativa libertadora. A maioria das escolas, ainda aderem ao modelo imposto pela educação bancária. A educação problematizadora freireana coloca o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção

‘bancária’ da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 2005, p.81).

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é ressaltar as contribuições do educador Paulo Freire para as ciências geográficas e qual a aplicação da mesma em duas escolas públicas localizadas no município de Frutal-MG, para isso investigamos se os professores destas escolas embasam o desenvolvimento de sua prática pedagógica em princípios freireanos.

A pesquisa é bibliográfica, embasada na metodologia construtivista; e, de campo, pesquisada nas aulas de geografia em duas escolas Estaduais sediadas no Município de Frutal. Toda a discussão foi construída e embasada por grandes teóricos e pesquisadores da área de educação como Freire, Magnoni e Ferreira do Vale, bem como em

experiências próprias convivendo com os processos pedagógicos e vivenciando a realidade das salas de aula através do estágio.

O trabalho será assim distribuído: no primeiro capítulo abordamos as vastas contribuições propagadas e disseminadas pelo educador Paulo Freire nos aspectos tangentes ao ensino de Geografia; no segundo capítulo fizemos uma abordagem à perspectiva freireana por meio de entrevistas realizadas com os professores de Geografia da Escola Estadual Maestro Josino de Oliveira; no terceiro capítulo embasamos as entrevistas realizadas com os professores de Geografia da Escola Estadual Vicente Macedo na perspectiva freireana; no quarto capítulo demonstramos como os princípios freireanos estimulam e são úteis quanto ao ensino de Geografia e também para a prática pedagógica dos professores desta disciplina.

Algumas indagações configuraram as discussões que se fazem presentes nesse trabalho, esperando que novas questões sejam levantadas para contribuir com os desafios a serem enfrentados. Por que raramente se aplica a perspectiva freireana na prática pedagógica dos professores de Geografia? Será possível uma educação realmente libertadora e progressista? Até quando a educação será bancária

depositando-se conteúdos nas cabeças dos alunos fazendo com que eles tenham a cabeça bem-cheia, mas não bem-feita? Algumas indagações configuraram as discussões que se fazem presentes nesse trabalho, esperando que novas questões sejam levantadas para contribuir com os desafios a serem enfrentados.

Acreditamos ao final de toda a discussão, ser possível uma inovação na prática pedagógica do ensino de Geografia de forma progressista e justa, respeitando-se realmente a autonomia dos educandos.

1 CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE GEOGRAFIA: TEORIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DE PAULO FREIRE

1.1- Paulo Freire e o ensino de Geografia

Segundo Freire o professor deve comprometer-se metodologicamente em promover em seus alunos uma valorização da relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca, proporcionando-lhes concomitantemente uma reflexão crítica. Ao dialogar aos seus educandos sobre a categoria geográfica “*lugar*” o professor de Geografia pode perfeitamente estabelecer tal relação e promover aquilo que se conceitua por reflexão crítica. O pensamento teórico e metodológico freireano consolida bastante o aprendizado em Geografia explanando-se nas aulas desta disciplina sobre as categorias geográficas lugar, território, paisagem e espaço. Somente utilizando-se de conceitos freireanos como liberdade e autonomia o professor de Geografia pode obter êxito no desenvolvimento de sua prática pedagógica.

Referente à categoria lugar é importante que o professor parta da construção de um croqui do bairro do aluno e que o mesmo o compare com o mapa da cidade, enumerando aparelhos públicos, áreas de lazer, comércio e indústria (ARAÚJO e BARBOSA, 2010, p.3).

Adotando-se os princípios freireanos para dialogar aos discentes sobre as referidas categorias geográficas, o professor de Geografia conseguirá transmitir o conteúdo geográfico de maneira crítica ao associar a teoria à prática conseguirá que estes reflitam criticamente e atuem como indivíduos transformadores de nossa sociedade. O cidadão passa a ser considerado como indivíduo ativo diante dos problemas locais, mundiais e também em nível planetário. Ao dialogar sobre a categoria geográfica “*paisagem*”, o professor de Geografia deve exemplificar esta à seus alunos, caracterizando seus aspectos constituintes visíveis e invisíveis, para que estes possam interpretar tal categoria através de suas experiências cotidianas. Realizar passeios no entorno da escola para que os alunos possam identificar a categoria paisagem, diferenciando paisagem natural de paisagem humanizada trata-se de uma excelente

metodologia didática que pode ser perfeitamente aplicada neste referido contexto.

Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal [...]. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto (FREIRE, 2001, p.11).

Ao trabalhar aos seus educandos sobre a categoria geográfica “*região*” o professor de Geografia pode propor à estes que consultem jornais que caracterizam uma determinada região. Assim, os alunos terão oportunidades de concordarem ou discordarem das informações disseminadas em tal conteúdo com os jornais que noticiam localmente.

Após realizar tal procedimento, o professor de Geografia pode produzir um jornal em elaboração conjunta com seus discentes. Deve-se destacar que os dados disponíveis pelo IBGE são extremamente valiosos para caracterizar aspectos regionais como aspectos climáticos, pedogenéticos, fitofisionômicos, etc. A categoria geográfica “*território*” está relacionada com a temática de soberania nacional e dos indivíduos, adentrando, assim, os conceitos freireanos de autonomia e liberdade. O professor de Geografia pode propor aos seus alunos que compare os grupos que têm poder e os que não têm.

Os conceitos de autonomia e liberdade são imprescindíveis para compreendermos o pensamento de Freire e atuarmos na ciência geográfica por meio do ensino, pois esses conceitos permitem o avançar teórico e prático no cotidiano dos alunos para além da ideologia e dos aprisionamentos intelectuais. Deste modo, a relação entre as temáticas geográficas e o real aprendizado dos alunos partem da liberdade, fomentando nos mesmos a capacidade de enxergarem o mundo de forma ampla e não engessado ideologicamente, ou seja, são os alunos, de

fato, pesquisadores críticos e não mais espectadores das atividades pedagógicas (ARAÚJO e BARBOSA, 2010, p.7).

A categoria geográfica “*espaço*” engloba as demais e cabe ao professor de Geografia buscar que os alunos entendam teoreticamente e praticamente os múltiplos fatores e fenômenos que constituem tal categoria geográfica. Utilizando-se de métodos inovadores como jogos didáticos, encenações teatrais, passeios, etc. o profissional poderá realizar um excelente trabalho desenvolvendo sua prática pedagógica. Deve-se demonstrar aos educandos que nem todo conteúdo disponibilizado de forma midiática pode ser aceito como verdadeiro explicando que a Internet é uma excelente ferramenta tanto para o docente quanto para o discente, mas nem tudo que acessamos são afirmações cientificamente validadas. O ensino de Geografia vai muito além da memorização dos aspectos físicos e humanos.

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz

respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (FREIRE, 1987, p.26).

Não se descarta que para compreender alguns aspectos geográficos torne-se necessário utilizar-se de memorização, porém o ensino de Geografia não se limita à isso. A relação do aluno com o mundo que o cerca é imprescindível para obter-se uma melhor compreensão de tais conteúdos, destacando-se a atuação deste como indivíduo ativo e educado criticamente. O papel exercido pelo professor de Geografia é fundamental para proporcionar autonomia aos educandos por tratar-se de um dos princípios postulados por Freire. Sabe-se que para desenvolver sua prática pedagógica tal profissional enfrenta várias dificuldades como indisciplina, violência, condições precárias de trabalho, etc. O educador deve lutar sim por seus direitos e por uma sociedade mais justa, mas deve levar-se sempre em consideração os princípios éticos e estéticos.

A posição propriamente ético-crítica e intersubjetivo-comunitária do sujeito histórico no processo da ‘conscientização’ de denúncia e anúncio de Paulo Freire, em situação de uma sociedade oprimida na periferia do capitalismo mundial. Paulo Freire, como se poderá ver, conserva uma originalidade própria (um autêntico “anti-Rousseau do século XX”) que desejamos justificar a partir de uma definição precisa da dialogicidade intersubjetiva da razão discursiva ético-crítica, que inclui então a dimensão estritamente ética do conteúdo do material negado (não sendo meramente uma moral-formal como no caso de Kohlberg ou Habermas). Freire não é simplesmente um pedagogo, no sentido específico do termo, é algo mais. É um educador da consciência ético-crítica das vítimas, os oprimidos, os condenados da terra em comunidade (DUSSEL, 2002, p.101).

O pensamento crítico freireano contribui e bastante para que os educadores possam compreender o mundo muito além das ideologias dominantes. Levando os alunos a pensar em um

mundo diferente deste atual, o professor de Geografia passa a desenvolver o ato de humanizar por meio de seu trabalho educativo. O docente que não valoriza a humanização não consegue satisfatórios resultados em sua prática pedagógica. Freire combateu em toda a sua existência as desigualdades socioeconômicas que estão profundamente atreladas à disciplina de Geografia. Tal disciplina é a base primordial na construção de valores éticos e críticos para lerem o mundo. Ensinando as categorias geográficas aos educandos através dos pensamentos freireanos o professor de Geografia possibilita estes que sejam dotados de autonomia e liberdade frente aos problemas socioeconômicos que os atingem.

Toda a análise das relações dialéticas opressores-oprimidos, do processo de introjeção do dominador pelos dominados; os reflexos em torno da educação bancária, de seu autoritarismo, da educação problematizadora, do diálogo, das démarches democráticas; a necessidade, numa prática educativa progressista, de serem os educandos desafiados em sua curiosidade; a presença crítica de educadoras educadores e

de educandos, enquanto, ensinando umas e aprendendo outras todas aprendem e ensinam, sem que isso signifique serem iguais ou que quem ensina não aprende e que quem aprende não ensina. Tudo isso os estimulava como a mim me estimulara a leitura de Fanon e de Memmi, feita quando de minha releituras dos originais da Pedagogia (FREIRE, 2006, p.29).

O ensino de Geografia exige inovação quanto à prática pedagógica. O professor de Geografia deve valorizar seus educandos tratando-os com igualdade e não abrindo mão da construção destes como sujeitos autônomos libertos de qualquer tipo de autoritarismo ou opressão. Trabalhando as categorias geográficas por intermédio do pensamento freireano o docente educa seus educandos pelos sentidos paisagísticos, conhecendo os sentimentos fenomenológicos impregnados na categoria geográfica lugar, inúmeras e diversificadas relações territoriais e as diversas heterogeneidades regionais. O professor deve ser engajado, objetivando engajar o aluno. O professor de Geografia deve apresentar aos seus educandos o seu posicionamento crítico levando

estes à construírem o seu. O indivíduo é construído socialmente.

Essa ética da vida, pedagógica, libertadora, freireana, a partir do oprimido, da vítima negada, está pensada, sobretudo, na concepção de seres humanos livres e autônomos, sujeitos da própria história. Essa ideia de liberdade está, portanto, associada à dialógica problematizadora freireana, base de uma sociedade livre, autônoma e democrática (BORGES, 2014, p.309).

A proposta pedagógica freireana de educação libertadora alude ao compromisso com a transformação social. O professor de Geografia quando criativo e sempre aberto ao diálogo consegue imprescindivelmente satisfatórios resultados no desenvolvimento de sua prática pedagógica. Os educandos devem ser levados a uma consequente reflexão sobre os aspectos socioeconômicos, históricos e culturais que os rodeiam. Este profissional tanto como educador quanto em sua vida pessoal deve encontrar sempre no diálogo a construção de sua historicidade. Somente através da interação dialógica conseguir-se-à transformar o

mundo e o sistema educacional. A dimensão conscientização está profundamente relacionada ao ensino de Geografia. O diálogo e a conscientização são bases sustentantes para o professor de Geografia dialogar com seus alunos sobre diversos conteúdos geográficos, como, por exemplo a relação existente entre homem e natureza.

Entendemos que a conscientização é o ponto de partida para que o educando construa a sua cidadania a partir de suas lutas cotidianas. A escola é um dos espaços dentre tantos para construirmos uma conscientização em prol de uma sociedade mais humanizada (VIANA, 2005, p.42).

1.2 O espaço geográfico como categoria essencial para a construção de uma cidadania ativa

Paulo Freire se empenhou ao longo de toda a sua vida na construção de uma cidadania ativa, objetivando concretizar o utópico ideal de uma sociedade mais justa. A proposta pedagógica freireana parte da realidade concreta do educando problematizando-se as experiências vivenciadas por

estes. Para Freire o espaço geográfico podia ser concebido como revelador da realidade. Apesar de tal temática gerar angústia e desesperança o professor de Geografia deve dialogar a seus alunos sobre pobreza e conflitos intentando-se a formação cidadã destes. Paulo Freire desde o início de seu desempenho pedagógico buscou defender uma política pedagógica embasada na liberdade e na autonomia dos educandos para que possam assim ser formados como reais cidadãos. Ele valorizou todos aqueles indivíduos excluídos das ações políticas.

É possível dizer que tanto Paulo Freire quanto o MEB procuraram transformar uma educação fundamental para o povo (os valores políticos dos grupos externos retraduzidos na linguagem de ajuda ao povo) em uma educação do povo (os valores culturais dos grupos populares retraduzidos através da educação levada a eles) (BEZERRA, 1980, p.48).

A teoria é um processo reflexivo para atingir-se o pensar certo que Paulo Freire enfaticamente abordou em sua obra “Pedagogia da Autonomia”. Não é necessário somente conhecer o mundo, mas também, concomitantemente transformá-lo. E

somente através da prática pedagógica o professor de Geografia poderá alcançar tal transformação. O diálogo interconecta o educando com a realidade proporcionando tomada de consciência a este. Somente através do diálogo que a relação professor-aluno transforma-se em uma relação horizontal onde pode diagnosticar-se aprendizagem mútua. Freire criticou ferrenhamente a concepção de educação bancária alegando que esta é promotora de opressão e exclusão em âmbito educacional. A conquista, a divisão, a manipulação e a invasão cultural são obstáculos para a educação libertadora.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou com a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto (FREIRE, 2007, p.116).

Ao acreditar na educação fora dos muros da sala de aula tradicional Paulo Freire enxergava o aluno como sujeito histórico e transformador, e também é assim, que o bom professor de Geografia deve olhar para os seus discentes. Os aspectos constituintes do espaço geográfico são importantíssimos no processo de conscientização. Freire demonstrou que é possível ler o espaço geográfico através da leitura da palavra e da leitura do mundo. A pedagogia freireana vai muito além dos conhecimentos geográficos e pedagógicos. De nada adianta ao professor de Geografia ensinar os conteúdos geográficos aos seus discentes com rigor e cobrar que estes produzam com igual rigorosidade sem valorizar o papel político e crítico impregnados nestes em sua respectiva formação cidadã. As políticas públicas devem investir na formação dos professores buscando incansavelmente formar o educador progressista que Paulo Freire tanto aludiu em seus relevantes estudos.

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem, mas de outro, jamais aceita

que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade (FREIRE, 2005, p.89).

O professor de Geografia está comprometido com os destinos do país, do seu povo e dos seus educandos. Tal profissional deve valorizar o conteúdo cultural no desenvolvimento de sua prática pedagógica. Ouvir o aluno é também função do educador. A cabeça bem-cheia não é sinônimo de cabeça bem-feita. A escola é um espaço privilegiado para a ocorrência do pensar certo. Deve-se acreditar na capacidade criadora dos alunos estimulando-os a sempre utilizarem de criatividade para expor suas ideias e desenvolver suas funcionalidades educacionais. O opressor reside em cada um de nós e só pode ser libertado por meio da educação libertadora. A transformação da sociedade necessita da educação. O professor de Geografia deve inserir a comunidade em âmbito educacional convidando os pais e amigos dos alunos para estarem envolvidos neste processo contínuo de aprendizagem.

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave

das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1991, p.116).

Todo educador seguindo os princípios freireanos deve buscar melhorar a educação brasileira valorizando a participação coletiva almejando uma real educação libertadora, sendo o educando construtor de seu próprio desenvolvimento humano e educacional. Ensinar Geografia exige amor, coragem e constante diálogo. O conhecimento popular não pode ser ignorado na prática pedagógica de um bom professor. Todo educando tem o direito de dizer o que compreendeu sobre o conteúdo geográfico explanado pelo professor de Geografia. O discente liberto não é manipulado e nem alienado por certas ideologias. Não existe prática pedagógica sem ação. Exercer a consciência é valorizar a metodologia dialética que é de suma importância neste referido contexto. Deve-se incentivar nos

alunos que estes nunca devem aceitar qualquer tipologia de dominação imposta.

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 2006, p.137).

A prática pedagógica é a ação e reflexão dos educadores em busca da transformação educacional. O diálogo entre os sujeitos ensinantes e ensinados é essencial para alcançar resultados satisfatórios na prática educativa. O autoritarismo difere-se de democracia e rompe com a interação dialógica freireana. O professor de Geografia deve compreender os aspectos culturais como formadores do sujeito histórico e transformador. Ao trabalhar com alunos indígenas e quilombolas, por exemplo, este profissional vivencia na prática os aspectos culturais construtores do espaço geográfico. Somente lendo a realidade dos educandos o educador poderá proporcionar reflexão crítica. Não há como ocorrer criticidade sem ação e participação. Ao exprimir as

desigualdades sociais proporcionadas pelo capitalismo o professor de Geografia pode promover uma excelente reflexão crítica.

A sociedade é contraditória e, portanto apresenta nela própria, situações de opressão, reflexo de atos de injustiça marcado pelas desigualdades sociais, próprios da sociedade capitalista, já que existe aquele que oprime e aquele que é oprimido, gerando um contexto de violência. Violência que se percebe também no contexto escolar. Seja pelos conflitos da sociedade excludente, injusta e desigual, seja pelo discurso autoritário, ou mesmo pela permissividade. Nesse sentido, requer repensar a formação de homens capazes de transformar, onde o fazer torna-se ação e reflexão, práxis pedagógica, caracterizada pela ação transformadora do mundo. Buscando a libertação do homem, no contexto de reflexão, pela compreensão de ser no mundo, com o mundo e para o mundo (SCHRAM e CARVALHO, 2008, p.73).

Apresentar o conteúdo geográfico sem levar os alunos a experimentar tais conteúdos trata-se de uma

metodologia didática falha e insuficiente. O professor de Geografia não é um mero depositador de conteúdos aos seus alunos e sim um indivíduo capaz de conduzi-los problematizarem suas relações com o mundo que os cerca. Este profissional deve colaborar para que seu aluno descubra dentro das dificuldades enfrentadas por estes momentos prazerosos e de alegrias por meio do processo de ensino-aprendizagem. O educador não é mero facilitador do conhecimento. Deve sim intervir para que este possa ser alcançado. É necessário amar o saber para que também se ame o ato de ensinar. Não existe ensino sem aprendizado ressaltando-se que esta frase trata-se de uma via de mão dupla. O grande desafio do educador é ser praticante e adepto da perspectiva humanitária.

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao

ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado (FREIRE, 2003, p.159).

O professor tem que impor limites sim, mas nunca deve deixar de respeitar a autonomia do aluno. O professor de Geografia necessita de atenção e disciplina para ensinar os conteúdos geográficos aos seus educandos. Deve-se respeitar o saber do discente. A educação popular valoriza a ação como politização. Os docentes e discentes devem ser indivíduos inquietos, questionadores, curiosos e exímios pesquisadores. O educador passa a ser então aprendiz da própria experiência. A leitura do mundo somente ocorre com a análise crítica da realidade. Combater a discriminação é papel fundamental de um bom professor. É impossível ler a palavra sem antes ler o mundo. O saber deve sempre vir associado do que fazer. Não adianta a escola ser bonita esteticamente e não ser também bela em seu nível de ensino-aprendizagem.

Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a

seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo (FREIRE, 1991, p.93).

A conscientização é um excelente meio para obter a transformação. A escola é o local onde o educando projeta sua vida em meio à sociedade e ao mundo. O professor de Geografia não deve deformar a consciência de seus alunos demonstrando a estes que tomem cuidado com a imposição de ideologias manipuladoras e alienadoras. A formação cidadã não é um processo natural e sim de um processo vivo e extremamente construtivista. Deve-se apresentar ao discente a sua imensa capacidade de intervenção no mundo. O espaço geográfico por ser objeto de estudo da ciência geográfica merece relevada consideração por parte dos docentes. O espaço geográfico é constituído por fenômenos naturais e sociais podendo ser exemplificado de diversas formas pelo professor de Geografia ao dialogar sobre o referido temário.

O homem está no mundo e com o mundo – produzindo-o e transformando-o, preenchendo com a cultura os espaços geográficos e os tempos históricos. O ser

humano se identifica com sua própria ação: "objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história" (FREIRE, 1979, p.67).

1.3 O ato de ler o mundo e a palavra

Ler o mundo é o ato de perceber o espaço geográfico e sua representação. Ensinar Geografia é dialogar com o mundo possibilitando ao educando que amplie seus significados construídos transformando as suas descrições em discursos impregnados de criticidade. Estas observações e discursos por parte dos discentes são formas de ler o mundo. O elemento tempo está presente nos fenômenos espaciais. O homem produz o seu espaço através da liberdade e autonomia que Paulo Freire tanto enfatizou em seus diversos estudos realizados ao longo de toda a sua existência. A globalização à qual aludiu com relevada ênfase o renomado geógrafo Milton Santos está presente no espaço geográfico causando consequentes transformações sobre este. A produção humana no espaço geográfico não se trata de uma temática simples sobre a qual deve abordar o professor de Geografia.

A história como possibilidade (e não determinismo) do fazer humano encontra no sonho a matéria-prima de realização: o sonho é o motor da história. Daí a importância da educação, que, “não podendo tudo, pode alguma coisa”. Pode, por exemplo, contribuir para uma leitura do mundo (e da palavra) fundada na linguagem da possibilidade – que comporta a utopia como sonho possível. Uma educação comprometida com as classes populares não pode abrir mão da utopia. A utopia é um compromisso histórico que os sujeitos políticos assumem frente à transformação do mundo. A utopia é, também, um ato de conhecimento, pois exige a "denúncia de um presente intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído política, estética e eticamente pelo homem” (FREIRE, 1986, p.152).

Reaprender o mundo é um grande desafio para o professor de Geografia conseguir superar seu discurso didático. A leitura do mundo permite o desvelar da realidade. O educando deve estabelecer um raciocínio geográfico para pensar certo sobre a categoria espaço geográfico. O ensino de Geografia

deve enfatizar o sentido do pertencimento do aluno às categorias geográficas como lugar, paisagem, espaço e território. A Geografia estimula a pensar o espaço dialeticamente. A lógica é ferramenta valiosíssima para obter-se a leitura do mundo. Pensar o mundo somente através da lógica formal não traz eficazes resultados no desenvolvimento de uma boa prática pedagógica. Para explicar o mundo deve-se revisitá-lo, desvelar seus efeitos com plenitude, redescobrir seus significados, recuperar identidades e decodificar imagens.

As abordagens categóricas, conceituais e temáticas da Geografia ao serem abordadas criticamente a partir do pensamento de Freire possibilitam a construção do sujeito autônomo e que tenha como objetivo a liberdade do ser humano dos problemas econômicos e sociais que os atingem (ARAÚJO e BARBOSA, 2010, p.6).

A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Analisando-se as crenças, raças e costumes de um pode-se ler o mundo. Ao recordar a infância, os discentes conseguem realizar uma fantástica leitura do mundo relembrando costumes,

brincadeiras, amizades, etc. Até as próprias peraltices da infância devem ser valorizadas na realização de tal leitura. A leitura da palavra não pode romper com a leitura do mundo. O professor de Geografia deve incentivar seus alunos a aprenderem a significação profunda dos objetos estudados e não somente memorizá-los e descrevê-los mecanicamente. Quando o educando vai lendo o mundo conseqüentemente seus temores vão desaparecendo. Não é importante que os alunos leiam indefinidos números de livros e sim que leiam constantemente e compreendam o que estão lendo.

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. No entanto, um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, as teses sobre

Feuerbach, de Marx, tem apenas duas páginas e meia (FREIRE, 1986, p.189).

Sem sombra de dúvidas que os discentes devem sim ler obras de Milton Santos, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, etc. Tal leitura deve vir acompanhada da compreensão e quando se compara trechos de livros com experiências cotidianas como as vivenciadas na infância a leitura de mundo ocorre fantasticamente ligada à leitura da palavra.. O ato de ler exige percepção crítica. Infelizmente nem todos os educadores que se dizem democráticos revelam em plano prático ser realmente adepto à esta perspectiva. A prática pedagógica autoritária é falha e ineficaz em âmbito educacional, ou seja, entra por um ouvido e sai pelo outro. Nenhum de nós está só neste mundo, portanto deve-se reconhecer no outro o aperfeiçoamento de uma prática pedagógica.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros - não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se

membros de uma assembleia popular - o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los (FREIRE, 1986, p.39).

O bom professor de Geografia deve-se despir-se do elitismo e do autoritarismo e buscar caminhar sem limites rumo à concretização da educação libertadora. Aquele educador que somente fala e não ouve está imobilizando o conhecimento e transferindo simultaneamente este para seus educandos ao invés de realmente ensiná-los. O professor narcisista segundo a perspectiva freireana é aquele que só fala e não busca ouvir seus alunos. Ao assumirmos a ingenuidade dos educandos estamos proporcionando reflexão crítica a estes. Docentes autoritários nunca conseguirão demonstrar o que é solidariedade a seus discentes. Todo educador é educado por seus educandos. O conhecimento é algo inacabado. A educação revela a intimidade de indivíduos conscientes movidos pela bondade que objetivam atingir o utópico sonho de sociedade mais justa como, por exemplo, os bons professores.

A importância do ato de ler é na compreensão crítica deste ato, que não se esgota na

decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (SOTELO, 2011, p.2).

O aluno é um sujeito criador e tal criatividade não pode ser desprezada em nenhum momento pelo educador. Elitizar os grupos populares é um grande desrespeito à estes, pois eles têm o direito de expressar sua cultura como qualquer outro grupo. Entrevistar antigos moradores do bairro da escola ou dos bairros em que residem os discentes para abordar os aspectos históricos de tal localidade é uma excelente oportunidade para o professor de Geografia desenvolver com primor sua prática pedagógica. Após a realização destas entrevistas, o profissional pode também propor uma encenação teatral. E finalmente sugere-se que produzam um pequeno jornal em elaboração conjunta com os alunos

relatando as experiências vivenciadas por professores e alunos em tal intento relevando-se a interdisciplinaridade entre a Geografia e as demais disciplinas.

Em áreas cuja cultura tem memória preponderante oral e não há nenhum projeto de transformação infraestrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centralizada nesta linha. Um excelente trabalho numa área popular, e poder ser desenvolvido por bibliotecárias, documentalistas, educadores, seria, por exemplo, o levantamento da história da área através de entrevistas gravadas. Dentro de algum tempo, teriam uma cervo de histórias (SOTELO, 2011, p.8).

Uma pesquisa cultural sobre tradições locais de um município como grupos folclóricos, costumes, crenças, etc. também é um excelente procedimento didático que pode ser perfeitamente utilizado pelo professor de Geografia para que seus educandos

possam ler o mundo através da leitura da palavra. Todo povo, independentemente de raça, credo ou ligação política tem o direito de ser sujeito da pesquisa. A cultura popular precisa ser resgatada em âmbito educacional. Precisamos reinventar o nosso país livrando-se das amarras do autoritarismo e aderindo cada vez mais à educação libertadora proposta por Paulo Freire. A mobilização popular infelizmente nem sempre é valorizada da forma como deveria pelas políticas pedagógicas. O educador que não é manipulado e alienado demonstra a prática da liberdade por meio da educação.

O processo de construção coletiva do conhecimento (que tem na pesquisa seu caminho fundamental) seria mediado por ações dialógicas e, desta ótica, sua construção não deveria ser uma doação dos supostos detentores exclusivos do saber elaborado/escolar, mas, sim, um instrumento da ação conjunta de todos os atores/autores que precisam exercer o direito de escolher, de optar, de refletir, de opinar e de ajudar a construí-lo. Em resumo, o processo de conhecimento inerente à pedagogia da pesquisa, assim como todo o edifício

curricular (pensando o currículo como somatório e entrelaçamento de todas as ações educativas e pedagógicas) não pertencem exclusivamente aos dirigentes escolares e aos professores, mas principalmente devem pertencer aos educandos, pois estes devem ser chamados a construí-lo e a problematizá-lo, não, simplesmente, a aplicá-lo ou a consumi-lo (SCOCUGLIA, 2011, p.6).

Paulo Freire foi um real filósofo que atuou na educação de forma revolucionária. Suas ideias não foram somente aceitas no Brasil, mas também em diversos outros países. Toda sua trajetória política e pedagógica é digna de inspiração para todos os educadores brasileiros como os professores de Geografia. O discurso freireano transmitido de forma carismática consegue despertar atenção e curiosidade de ouvintes e leitores. Seu discurso é cheio de significados que são decodificados pelos leitores. Sem compreensão e criticidade torna-se impossível a obtenção da leitura do mundo e da leitura da palavra. Ler a palavra sem entender o mundo não se trata de uma real leitura. Todas as experiências que guardamos em nossa memória são formas de se ler o mundo. Voltando às experiências da infância

compreende-se melhor o mundo que nos cerca e rodeia.

Ao contar os detalhes de sua vida quando criança, o orador Paulo Freire cita exemplos de como é possível aprender a ler os sentidos e os fatos antes de ler os signos linguísticos. A “linguagem dos mais velhos” representa a leitura da palavra dita e a compreensão da linguagem do mundo que é anterior ao processo de escolarização da criança Paulo Freire. Este mostra ter a compreensão da linguagem representada pela experiência dos mais velhos, ou seja, o garoto Paulo Freire não lia a palavra escrita, mas lia a linguagem do mundo (GONÇALVES e DITTRICH, 2013, p.7).

Através da perspectiva freireana compreende-se que a leitura é importante em todos os seus multifacetados aspectos constituintes. Através da alfabetização de adultos o “andarilho da esperança” conseguiu fazer com que inúmeros cidadãos tivessem acesso á leitura escrita e ao que é sem sombra de

dúvidas muito mais importante, a leitura do mundo. Sem criticidade é totalmente impossível “ler o mundo”. Superar a ingenuidade dos educandos é de extrema importância para que o educador possa levar este á alcançar aquilo que se conceitua por leitura do mundo.

2 O DISCURSO FREIREANO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL MAESTRO JOSINO DE OLIVEIRA

2.1 Relato do professor Douglas José de Freitas

Ao ser entrevistado o professor de Geografia da Escola Estadual Maestro Josino de Oliveira que graduou-se na Universidade do Estado Minas Gerais- Unidade Frutal relatou que teve oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os princípios freireanos nas disciplinas contidas na grade curricular do curso de Licenciatura em Geografia ministradas pela Prof^a. Ma. Ana Maria Taveira Braga. Ao dialogar aos seus alunos sobre as categorias geográficas região, território, lugar e paisagem o docente Douglas disse tentar sempre associar as experiências cotidianas dos discentes à tais temários. Apesar de nem sempre contar com cursos de aperfeiçoamento, que busca sempre inovar sua prática pedagógica e aposta na pesquisa como um grande meio para despertar a curiosidade dos educandos.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2005, p.89).

Para o professor Douglas respeitar a autonomia do educando é um grandioso passo dado no processo de ensino-aprendizagem. Para inovar sua prática pedagógica o referido docente relatou que busca sempre sair um pouco do livro didático para associar teoria á prática, o que para ele também é de salutar importância no desenvolvimento desta. Em sua entrevista o professor Douglas disse que a escola deveria valorizar mais projetos pedagógicos como feiras culturais, feiras do verde, projetos de implantação de hortas orgânicas nas escolas, etc. para que esta associação entre teoria e prática possa ocorrer em maior plenitude. Seguindo os princípios freireanos, o docente não abre mão de estar sempre

em diálogo com seus discentes valorizando o que o renomado educador Paulo Freire conceituou por interação dialógica. Disse também em sua entrevista que sempre objetiva formas de que seus alunos possam ler o mundo através da leitura da palavra.

É preciso levar em consideração que a fala trazida pelos educandos está carregada de variedades linguísticas que acabam sendo trazidas para dentro da sala de aula. Não podemos considerar o falar certo ou errado, devemos sim, ajudá-los a melhorar sua maneira de falar e escrever nos diversos usos da língua e nas diferentes situações (SILVA et al, 1998, p.3).

Seguir os princípios éticos e estéticos no processo de ensino-aprendizagem é uma excelente oportunidade de desenvolver com primor a prática pedagógica. O docente Douglas disse que busca sempre não encher as cabeças dos educandos com conteúdos geográficos maçantes exigindo decoreba, mas ao contrário objetiva formar verdadeiros cidadãos proporcionando para estes vivenciar na prática todo o conteúdo teórico transmitido através das aulas de Geografia. O professor Douglas demonstra ser um educador realmente progressista

como dizia Freire proporcionando reflexão crítica a seus alunos e apesar das dificuldades enfrentadas em âmbito educacional trabalha com alegria e otimismo, fazendo com que seus alunos também sejam otimistas neste sentido e busquem sempre transformar a educação através do caráter revolucionário embasado nos princípios freireanos éticos e estéticos.

É certo que a interação de aprendizagens acontece de um ser humano para outro ser humano, cada um dos quais constituído único e irrepitível sujeito sócio-histórico-cultural em ininterrupta construção. Na realidade, o outro é o espelho, no qual o ser pode mirar-se e reconhecer-se humano, graças à sua origem geneticamente determinada, porém, historicamente preche de possibilidades, de complexidades e de significações, neste processo de socialização, de aprender a ser coerente propiciado por uma educação progressista e transformadora (NUNES, 2013, p.142).

Para o professor Douglas o professor de Geografia ao abordar a temática das desigualdades

sociais está enfatizando aos alunos a figura freireana do oprimido inúmeras vezes identificada com a figura do próprio aluno. O referido professor em sua entrevista concedida disse que o educador não pode nunca abrir mão de valorizar o educando como sujeito construtor do conhecimento. Ele relatou que está sempre em constante aprendizado, pois aprende e bastante com seus alunos. Ao propor aos seus alunos uma pesquisa sobre a cultura indígena o referido docente disse ter colhido satisfatórios resultados em sua prática pedagógica, pois seus discentes produziram brilhantes pesquisas sobre tal temática expondo suas ideias com bastante sabedoria e produzindo desenhos fantásticos. Valorizar as habilidades e competências dos educandos trata-se de uma excelente metodologia didática a ser utilizada em âmbito educacional.

Educar exige a formação inicial do educador, desde que este inicia sua escolaridade até a conclusão do ensino superior, além dos meandros de sua formação continuada, de sua formação permanente. Na realidade, “educar é substancialmente formar”. A escola é, portanto, um espaço público e material, viabilizador da atuação pedagógica, enquanto

espaço escolar. Por ser palco da cotidianidade da ação educativa transformadora, esta pretende dar importância, interpretar e tomar cuidado com os gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, pois que os mesmos podem ser influenciadores, positiva ou negativamente (NUNES, 2013, p.141).

O professor Douglas disse em sua entrevista que objetiva sempre em suas aulas de Geografia romper com a ideia de educação bancária e valorizar uma real educação libertadora de acordo com os princípios freireanos. Para estimular seus alunos ao pensar certo o referido professor disse que gosta sempre de explicitar aos seus alunos que o conhecimento encontra-se em estágio de inacabamento e que é sempre construído aos poucos, salientando-se assim que tanto docentes como discentes estão sempre em processo de aprendizado. Respeitar a capacidade do educando segundo o docente Douglas é primordial nos aspectos tangentes ao processo de ensino-aprendizagem. Para ele, a identidade cultural do discente também precisa ser respeitada. O entrevistado salientou também que dialogar com os colegas que ministram outras

disciplinas compartilhando experiências pedagógicas é importante para a consolidação no processo de ensino-aprendizagem.

A leitura e discussão das principais obras do educador Paulo Freire e de outros/as autores/as que discutem as ideias pedagógicas freireanas como a inclusão, o diálogo, a democracia e a cidadania, possibilitou relacionar a obra de Freire com os constituintes da educação e da educação popular. Contribuiu para compreender os laços entre o pensamento freireano e a nossa prática educadora, bem como entender os usos e abusos da sua teoria (OLIVEIRA et al, 2013, p.100).

Ao trabalhar com seus alunos a categoria geográfica conceituada como “*espaço geográfico*” o docente entrevistado disse que procura sempre enfatizar á estes a conexão entre fatores naturais e sociais na constituição deste. Ao realizar um passeio em torno da Escola Estadual Maestro Josino de Oliveira com seus educandos, o professor Douglas propôs-lhes que realizassem observações sobre a categoria geográfica paisagem que depois seriam

relatadas em uma pequena produção textual complementada por um desenho realizado por estes. Uma aluna segundo o entrevistado o surpreendeu ao fazer alusão a Praça Carlos Gomes localizada no bairro onde se situa a referida escola, destacando os elementos constituintes de tal paisagem com extrema clareza e perspicácia. Uma encenação teatral que realizou com os educandos sobre a categoria geográfica território também foi de extrema importância no aprimoramento de sua prática pedagógica.

O trabalho em equipe, a solidariedade além da paciência pedagógica e a espera ativa que são históricas, lhe permitiram ir pesquisando e intervindo na esperança de tempos melhores. E Elza, a sua esposa “mais que diretora de escola, acreditou no ser humano e dedicou sua vida a lutar por isso; intervindo numa realidade de desigualdades, na tentativa de transformá-la através da Educação” (SPIGOLON, 2010, p.8).

Ao observar as aulas do professor Douglas constatou-se que a cansativa jornada de trabalho e o baixo salário algumas vezes desmotiva o profissional

que relatou na entrevista ser um professor esperançoso, perseverante, otimista e perseverante como já aludia Freire. A indisciplina dos alunos, os limites impostos pela direção escolar e a falta de apoio dos familiares no cotidiano educacional dos alunos tratam-se de empecilhos exacerbadamente catastróficos para que o professor Douglas possa desempenhar com primor sua prática pedagógica e aplicar com eficácia no sistema educacional a perspectiva freireana. Desde o momento que o professor opta pela prática docente ele passa a enfrentar terríveis obstáculos em seu caminho. Na observação das aulas percebeu-se que atualmente o professor é totalmente desvalorizado pelas políticas educacionais.

2.2 Relato da professora Marielza Ferreira da Silva

Ao ser entrevistada a professora de Geografia da Escola Estadual Maestro Josino de Oliveira relatou que em sua graduação estudou pouco sobre Paulo Freire, mas que nunca deixou de buscar conhecer mais sobre a trajetória do renomado educador e seus princípios que de acordo com a entrevistada são extremamente relevantes para o campo geográfico

principalmente no que tange ao ensino de tal disciplina. Para Marielza os métodos didáticos tradicionalistas não valorizam o diálogo estabelecido entre educador e educando valorizando-se assim enfaticamente a concepção de educação bancária ao invés de educação progressista e libertadora. Ao dialogar com seus alunos sobre a categoria geográfica “*lugar*” a professora entrevistada disse sempre buscar valorizar as experiências dos discentes com a infância destacando-se a cidade onde nasceram, o bairro onde residem, os moradores mais antigos de seu município e bairro, etc. para que assim estes possam compreender na prática o conteúdo teórico transmitido em sala de aula.

Para Freire, a libertação do homem oprimido, tão necessária a si e ao opressor, será possível mediante uma nova concepção de educação: a educação libertadora, aquela que vai remar na contramão da dominação. Freire propõe abandonar a educação bancária, a qual transforma os homens em “vasilhas”, em “recipientes”, a serem “preenchidos” pelos que julgam educar, pois acredita que essa educação defende os interesses do opressor, que trata os homens como seres vazios,

desfigurados, dependentes. Ao invés disso, buscou defender uma educação dos homens por meio da conscientização, da desalienação e da problematização (LINHARES, 2008, p.1146).

Marielza disse que um termo freireano que muito lhe agrada é o de dodiscente, pois todo docente é também discente no processo de ensino-aprendizagem. Por inúmeras vezes a docente relatou estar desanimada quanto à sua profissão, mas conseguiu enxergar em seus alunos a motivação para seguir em frente de forma progressista, alegre e otimista. A docente entrevistada disse que a ação do professor somente tem real sentido se proporcionar reflexão crítica aos discentes. A professora Marielza relatou que quando leu o livro “Pedagogia da Autonomia” de autoria do renomado educador Paulo Freire conseguiu aprimorar muito sua prática pedagógica como docente. Para ela o único real caminho para o pensar certo é a educação libertadora. Ela disse em sua entrevista concedida que a pesquisa é um importante meio para que o aluno aprenda na prática o conteúdo teórico apreendido em sala de aula, porém se o professor não

for um bom pesquisador não conseguirá que seus alunos também sejam assim.

Na medida em que representam situações existenciais, as codificações devem ser simples na sua complexidade e oferecer possibilidades plurais de análises na sua descodificação, o que evita o dirigismo massificador da codificação propagandística. As codificações não são slogans, são objetos cognoscíveis, desafios sobre que deve incidir a reflexão crítica dos sujeitos descodificadores. As codificações, de um lado, são as mediações entre o “contexto concreto ou real”, em que se dão os fatores e o “contexto teórico”, em que são analisadas; de outro, são o objeto cognoscível sobre que o educador-educando e os educando-educadores, como sujeitos cognoscentes, incidem sua reflexão crítica (FREIRE, 1987, p.113).

A docente relatou que levar o educando a ler o mundo através da leitura da palavra é associar a teoria à prática. A referida professora recorda-se de uma visita que fez com seus alunos e os discentes do

PIBID à universidade e foram até ao Laboratório de Estudos Geográficos onde o professor Thiago Torres Costa Pereira e seu bolsista Matheus Machado Silva apresentaram aos alunos um acervo de rochas e minerais organizados por estes. Nesta exposição, os alunos demonstraram imensa curiosidade por tal conteúdo. Para ela, foi uma singular experiência que enriqueceu muitíssimo sua prática pedagógica. De acordo com a entrevistada, somente através da conscientização consegue-se proporcionar reflexão crítica aos educandos. Ela fez alusão aos projetos de EA desenvolvidos em escolas como excelente metodologia didática para obter-se conscientização e reflexão crítica.

A reflexão na ação é a reflexão desencadeada durante a realização da ação pedagógica, sobre o conhecimento que está implícito na ação. Ela é o melhor instrumento de aprendizagem do professor, pois é no contato com a situação prática que o professor adquire e constrói novas teorias, esquemas e conceitos, tornando-se um profissional flexível e aberto aos desafios impostos pela complexidade da interação com a prática. No entanto, a reflexão realizada sobre a ação e

para a ação é de fundamental importância, pois elas podem ser utilizadas como estratégias para potencializar a reflexão na ação (SILVA e ARAÚJO, 2005, p.6).

Para a professora de Geografia o saber deve estar sempre acompanhado do fazer. O autoritarismo para a entrevistada não é de consolidação para a prática pedagógica. Embora valha ressaltar que o profissional inúmeras vezes possa estar com problemas, contrariado com questões salariais, pessimista com seu futuro profissional, mas o autoritarismo não traz aprendizado ao aluno, pois está vinculado à concepção de educação bancária ao invés de educação libertadora. Em uma aula sobre globalização a entrevistada utilizou-se de princípios postulados pelo renomado geógrafo Milton Santos e através do termo “*globalização perversa*” deixou que os alunos expusessem suas ideias, exemplificando tal diálogo e foi surpreendida por opiniões extremamente críticas e conscientes conseguindo aprimorar consequentemente o bom desenvolvimento de sua prática pedagógica.

O que teríamos que fazer, então, seria, como diz Paul Legrand, ajudar o homem a

organizar reflexivamente o pensamento. Colocar, como diz Legrand, um novo termo entre o compreender e o atuar: o pensar (FREIRE, 1979, p.123).

A professora disse que quando sugere leitura aos alunos estimula-os sempre a lerem criticamente e associarem a leitura do mundo à leitura da palavra. Marielza relatou que procura sempre escutar o educando para que possa também ser escutada. Para ensinar Geografia, a entrevistada disse buscar sempre inovar sua prática pedagógica levando os alunos para fora da escola e proporcionando a estes a leitura do mundo precedida pela leitura da palavra. Ao explicar aos seus alunos sobre a categoria geográfica “*região*” a docente Marielza propôs à estes que se organizassem em cinco grupos e realizassem uma apresentação por meio de cartazes, textos e desenhos sobre os aspectos culturais, climáticos, geomorfológicos e pedogenéticos das cinco regiões brasileiras: Centro-Oeste, Nordeste, Nordeste, Sudeste e Sul. Nesta apresentação a professora percebeu entusiasmo na pesquisa e conseguiu colher bons frutos no processo de ensino-aprendizagem.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos (FREIRE, 2005, p.95).

Ao dialogar com seus educandos sobre a categoria geográfica “*lugar*”, a referida docente sugeriu à estes que realizassem uma pesquisa nos bairros onde residem, coletando dados históricos com os antigos moradores, comparando-se tais informações com dados atuais. Segundo o relato da professora os alunos engajaram-se bastante na realização da atividade proposta e conseguiram excelente desempenho de aprendizagem associando-se assim a teoria à prática. A criação de um jogo didático sobre o espaço geográfico onde os discentes respondiam à perguntas formuladas pela professora sobre a temática e os que acumulassem mais acertos ganhavam um brinde. Ao abordar a categoria geográfica “*paisagem*”, a professora Marielza pediu

aos alunos que imaginassem um tipo de paisagem sendo reproduzida em forma de desenho e percebeu a demonstração de aspectos tais como o sentimento de pertencimento ao propor que seus discentes realizassem tal atividade.

Os elementos presentes nos aportes teóricos do pensamento de Paulo Freire mostram a centralidade da teoria crítica do currículo, devido ao fato dos seus pressupostos expressarem claramente que nenhuma prática educativa é neutra e desinteressada, mas reflete as questões de poder, bem como ter o diálogo como princípio teórico-metodológico da ação educativa. Sendo assim, a construção do conhecimento além de possibilitar ao estudante maior poder social e de intervenção para transformar as situações menos humanas em situações mais humanas, pode permitir aos sujeitos a busca constante por ações e reações de solidariedade, respeito e responsabilidade para consigo mesmo, com os outros e com o mundo (MENEZES e SANTIAGO, 2010, p.99).

Nas aulas observadas diagnosticou-se que o retorno salarial, o descrédito profissional, a falta de incentivo e a indisciplina são um dos motivos que dificultam que a professora Marielza aplique com plenitude em sua prática pedagógica os princípios freireanos. Enquanto a referida professora propunha uma atividade bastante inovadora e interessante notou-se que os alunos ficavam cochichando, trocando bilhetinhos, jogando aviõezinhos, discutindo com os colegas, entrando e saindo da sala. A professora até tentava manter o controle, mas no final bastante estressada chegou á perder a paciência, demonstrando assim que seu estresse ultrapassou o querer bem aos educandos e o respeito á autonomia destes tão propagados e disseminados pelo educador Paulo Freire. Romper com a tradição autoritária em âmbito educacional é uma grande dificuldade diagnosticada nas aulas da professora Marielza.

2.3 Relato da professora Sônia de Oliveira Vieira

A terceira professora de Geografia entrevistada na Escola Estadual Maestro Josino de Oliveira foi a docente Sônia de Oliveira Vieira que relatou que em sua graduação estudou bastante os princípios freireanos. Segundo a educadora o princípio

freireano que mais lhe motiva em sua prática pedagógica é o querer bem aos educandos o qual Paulo Freire alude enfaticamente em sua obra “Pedagogia da Autonomia”. A referida professora diz não abrir mão em nenhum momento de dialogar com os discentes, respeitar sua autonomia, demonstrar que são seres construtivos e criativos e mostrar para estes o quanto ela os ama e que eles são seu bem mais precioso no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a entrevistada ensinar Geografia é um ato de extrema beleza e o educador deve valorizar os princípios éticos e estéticos freireanos objetivando-se um bom desenvolvimento em sua prática pedagógica.

Querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Essa abertura significa que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Seriedade docente e afetividade não são incompatíveis. Aberto ao querer bem significa minha disponibilidade à alegria de viver. Quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e minha docência, tanto mais alegre e esperançoso me sinto (FREIRE, 2005, p.68).

Para a professora Sônia, o conhecimento popular não pode ser desprezado, portanto ela não abre mão em nenhum momento de trabalhar aspectos culturais com seus educandos. Ela recorda-se com felicidade de certa feita em que após explanar aos seus discentes sobre a Floresta Amazônica pediu-lhes que pesquisassem sobre os aspectos culturais desta localidade principalmente no que tange à população ribeirinha e surpreendeu-se com os excelentes resultados colhidos por meio deste intento. A entrevistada mostrou que acredita na educação libertadora e demonstra sempre à seus alunos que eles têm o poder de transformar a realidade, mas sem violência e autoritarismo como agia os nazistas, e sim com princípios éticos e estéticos como bondade, solidariedade e generosidade. A docente salienta que está sempre em constante aprendizado ensinando Geografia aos alunos do Ensino Fundamental.

A construção do conhecimento faz parte da beleza de ser humano, é formação moral. O conhecimento efetivo tem como consequência a mudança. Por isso a educação não pode ser apenas uma formalidade e sim uma experiência humana, que exige a ética

para romper e deixar que o novo se revele (JUNIOR et al, 2009, p.37).

Para que seus educandos possam ler o mundo através da perspectiva freireana, a professora entrevistada relata que estes façam leitura de textos ou do próprio livro didático, associando o que leram ao mundo que os cerca. Em certa feita ela pediu aos seus alunos que escrevessem como a Geografia poderia transformar o mundo e ao ler os textos produzidos pelos alunos ficou surpresa, ao ver a criticidade deles demonstrando que são cidadãos transformadores da sociedade desigual e injusta em que vivem. Apesar dos erros gramaticais diagnosticados verificou-se senso crítico exacerbado por intermédio da proposição desta atividade pedagógica. Quando levou os alunos para conhecerem o asilo da cidade percebeu que eles enxergavam a realidade do sofrimento através do sorriso esperançoso estampado nos rostos dos idosos que abraçavam e conversavam com estes com enorme alegria e contentamento. Uma aluna surpreendeu a todos que estavam lá presentes colocando sorvete que os alunos levaram na boca de uma idosa interna.

Uma prática tradicional na Escola Fundamental, adotada nas aulas de estudos sociais, mas desenvolvida não apenas sob sua égide, é o estudo do meio considerando que se deve partir do próprio sujeito, estudando a criança particularmente, a sua vida, a sua família, a escola, a rua, o bairro, a cidade, e, assim, ir sucessivamente ampliando, espacialmente, aquilo que é o conteúdo a ser trabalhado. São os Círculos Concêntricos, que se sucedem numa sequência linear, do mais simples e próximo ao mais distante. Na realidade, esse procedimento constitui mais um problema do que uma solução, pois o mundo é extremamente complexo e, em sua dinamicidade, não acolhe os sujeitos em círculos que se ampliam sucessivamente do mais próximo para o mais distante (CALLAI, 2005, p.33).

Ao abordar questões de cunho ambiental com seus alunos a professora de Geografia Sônia relatou que intenta sempre proporcionar conscientização ambiental e reflexão crítica a estes. Em um passeio realizado no Parque dos Lagos a referida educadora sugeriu aos seus alunos que observassem no trajeto

fatores ambientais como poluição, fauna, flora, recursos hídricos, etc. Após o passeio em sala de aula no outro dia ela reuniu seus educandos em uma roda de debate e cada um destes expôs as observações constatadas durante o passeio e sugeriram formas de que tal localidade possa ser melhor preservada. Na opinião da educadora entrevistada em um terreno localizado em frente a escola que é de propriedade desta pode ser perfeitamente utilizado para projetos ambientais que intentam plantar espécies nativas do bioma Cerrado predominante em nossa mesorregião e também hortaliças para o sustento alimentício da referida instituição.

Quanto à concepção de mundo, para Freire o mundo é lugar da presença humana, ou seja, uma realidade objetiva que engloba tanto o mundo natural biofísico quanto o mundo cultural e dos quais o ser humano faz parte, pelos seus aspectos biológicos e pelo seu poder criador. Dessa maneira, o mundo não é apenas suporte natural para a vida, mas o lugar onde o ser humano faz história e faz cultura. E, nesse contexto, o mundo é lugar da existência das relações, das interdependências, tanto entre os seres

humanos como destes com o mundo. Freire focaliza o ser humano como ser relacional, intimamente ligado com o mundo e o coloca como consciência do mundo e de si, o que implica a sua responsabilidade ética para com a realidade-ambiente. Tal concepção de mundo é de importância constitutiva na Educação Ambiental, no sentido de fundar e possibilitar a reflexão desveladora das relações entre o ser humano e o mundo – aspecto central a uma educação voltada ao meio ambiente (DICKMANN e CARNEIRO, 2012, p.97).

Soninha, como é carinhosamente chamada por seus alunos diz que imprescindivelmente não existe ensino sem aprendizado, pois todo o caminho percorrido em sua prática docente trata-se para ela de um riquíssimo aprendizado. A docente entrevistada disse que nunca favoreceu a exclusão em âmbito educacional respeitando e querendo bem a todos os alunos de forma igualitária valorizando-se as habilidades e competências impregnadas em cada um destes. Para a entrevistada, a reflexão crítica é a maior habilidade e competência que o educando pode desenvolver, pois assim ele é capaz de ler o mundo

através da leitura da palavra como propôs o educador Paulo Freire. Proporcionar liberdade e autonomia ao discente é fazer com que ele compreenda os conteúdos geográficos em nível teórico e prático. Trabalhando com imagens, músicas, mapas e poesia, Sônia relata ter notado satisfatórios resultados no desenvolvimento de sua prática pedagógica.

O novo profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada (SANDES, 2012, p.29).

A professora, ao dialogar sobre os conteúdos geográficos com seus educandos, diz sempre buscar fazer com que estes possam compreender tais temários com maior profundidade diagnosticando-se assim senso crítico aguçado, sensibilidade social e ambiental. Ela relata que sempre enfatiza a estes que eles são os atores protagonistas do grande cenário

conceituado como espaço geográfico. O professor deve acreditar na força libertadora e transformadora presente na educação para que assim se torne um real educador progressista. Caminhar para uma educação de qualidade deve ser almejada por todos os docentes como também pelos professores de Geografia. Soninha diz que por meio do hoje o profissional pode transformar o futuro através da educação libertadora proposta por Freire.

A pesquisa deve fazer parte do cotidiano escolar, requisito para se planejar, discutir, tomar decisões e, sobretudo, para servir como instrumento de intervenção na realidade. Dessa forma, a pesquisa é mais um instrumento que norteará o trabalho pedagógico, sendo uma oportunidade de os envolvidos nesse processo ler, reler, refletir, discutir, criticar e construir mecanismos para, ao menos, minimizar os problemas diagnosticados na pesquisa, seja através de mudanças de atitudes coletivas ou cobrança de direitos junto aos órgãos responsáveis (SANDES, 2012, p.13).

De acordo com a educadora entrevistada, a prática pedagógica tradicionalista é cheia de rupturas que comprometem o seu real caráter educativo. Inovar a prática pedagógica é essencial. Quando o professor de Geografia assegura-se de que sua aula foi maravilhosa, o profissional deve conscientizar-se que sua ação pedagógica vai muito além do que meramente lecionar. Sem associação entre teoria e prática não existe transformação. O aprendizado é contínuo. Somente paramos de aprender quando morremos deixando nosso aprendizado e ensino como legado à futura geração ressalta a professora de Geografia. Não se ensina Geografia em um somente momento, pois o real aprendizado fica para toda vida. Tal fato pode ser evidenciado quando se recordam de professoras que marcaram nossa vida com sua forma de ensinar, como a docente entrevistada lembra com carinho do professor Simpliciano que lhe ministrava aulas de Geografia em seu período escolar.

Distanciando-se de seu mundo vivido, problematizando-o, “descodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua

experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior ida outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazerem-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano. Paulo Freire não inventou o homem; apenas pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando – “método de conscientização” (FREIRE, 1987, p.159).

De acordo com a docente entrevistada, o projeto PIBID atuante na Escola Estadual Maestro Josino de Oliveira é de enorme relevância para a transmissão dos conhecimentos geográficos teóricos e práticos relatando que seus alunos ficam ansiosos pelas aulas e passeios realizados pelo referido projeto. Para ela a

interdisciplinaridade é primordial no que tange ao ensino de Geografia. Projetos interdisciplinares são excelentes objetivando-se o bom desenvolvimento de uma prática pedagógica. A docente entrevistada recorda-se de um trabalho interdisciplinar que realizou com a professora de português onde os alunos produziram textos e poesias aludindo-se à categoria geográfica “*paisagem*”. Ensinar Geografia exige enfrentar desafios e contar com ricas possibilidades de trabalho. O professor de Geografia deve construir a cidadania a partir da autonomia.

O que se pode afirmar no campo conceitual é que a interdisciplinaridade será sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizadora (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudo. Independente da definição que cada autor assuma, a interdisciplinaridade está sempre situada no campo onde se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas e onde simultaneamente se exprime a resistência sobre um saber parcelado. [...] A escola, como lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento,

cada vez mais precisará acompanhar as transformações da ciência contemporânea, adotar e simultaneamente apoiar as exigências interdisciplinares que hoje participam da construção de novos conhecimentos. A escola precisará acompanhar o ritmo das mudanças que se operam em todos os segmentos que compõem a sociedade. O mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo. [...] O professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um entendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo o processo de ensino. Ele precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências (THIESEN, 2008, p.25).

De acordo com a professora Sônia, ao abordar a categoria geográfica “*lugar*”, com seus alunos, gosta de enfatizar-lhes sobre os estudos percepcionistas realizados por geógrafos como Tuan. As relações fenomenológicas entre indivíduo e lugar são profundamente trabalhadas pela Geografia da

Percepção. Compreendendo-se tais relações fenomenológicas, o educando consegue ler o mundo por meio da leitura da palavra como dizia enfaticamente o saudoso educador Paulo Freire. Para a docente entrevistada a educação popular pode ser classificada como a educação libertadora que não atua em âmbito educacional de forma excludente. O diálogo é uma ferramenta chave no processo de ensino-aprendizagem conforme ressalta a educadora Soninha ao finalizar a sua entrevista. A conscientização na formação cidadã é um dos princípios freireanos que mais encanta e estimula a professora de Geografia entrevistada.

Em Paulo Freire a educação é conscientização. É reflexão rigorosa e conjunta sobre a realidade em que se vive, de onde surgirá o projeto de ação. A palavra geradora de Paulo Freire era pesquisada com os alunos. Assim, para o camponês, as palavras geradoras poderiam ser enxada, terra, colheita, etc. para o operário poderia ser tijolo, cimento, obra, etc.; para o mecânico poderia ser outras e assim por diante. A competência pedagógica do profissional de educação, contudo não se esgota no domínio

de saberes múltiplos e heterogêneos que lhe permitem transitar na complexidade da condução do ensino. Essa competência é medida também pela capacidade do docente, em contextos situados de interações intersubjetivas no chão da sala de aula, de transformar pedagogicamente os saberes dos conteúdos a ensinar, produzindo significados e sentidos para seus alunos aprendizes. (BELLO, 1993, p.2).

Ao observar a aula desta referida docente percebeu-se que a professora Sonia apesar do seu imenso otimismo e perseverança enfrenta graves problemas não quanto a dialogar sobre os conteúdos geográficos, o que ela faz com imensurável primor, mas observou-se que ela nem sempre consegue despertar a curiosidade e incentivar a pesquisa aos discentes. Os alunos nesta aula demonstraram intensa dificuldade de aprendizagem e a relação interpessoal entre docente e discente apresentou relevado comprometimento. Embora a professora até consiga interagir bem com os discentes as dificuldades de aprendizagem impregnadas nestes ficou estampadamente nítida durante a observação. A

reconstrução da aprendizagem é extremamente difícil no cotidiano vivenciado em sala de aula. Notou-se uma dificuldade da professora Sonia quanto ao aprender a conhecer, tão propagado e disseminado por Freire.

3 O DISCURSO FREIREANO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL VICENTE MACEDO

3.1 Relato da professora Eliese Borges da Silva

A professora de Geografia da Escola Estadual Vicente Macedo Eliese Borges da Silva relatou que em sua graduação na Universidade do Estado de Minas Gerais-Unidade Frutal teve a feliz oportunidade de estudar bastante sobre o educador Paulo Freire e sua respectiva importância para o ensino de Geografia. Para a entrevistada ensinar Geografia embasando-se nos princípios freireanos é avançar com plenitude no desenvolvimento de uma boa prática pedagógica. Ela relatou que busca sempre lutar por uma educação mais justa e libertadora como propunha Freire. Eliese disse em sua entrevista que sempre objetivou valorizar as potencialidades demonstradas por cada um de seus educandos. O espaço geográfico é construído pelas experiências cotidianas vivenciadas pelos discentes. A educação sozinha não transforma a sociedade, como dizia

Paulo Freire, mas refere-se a um passo extremamente relevante dado neste contexto.

É através de uma educação emancipadora que o exercício da cidadania se ampliará para uma esfera global, contribuindo no processo de formação de pessoas capazes de se perceberem como cidadãos do mundo. Escola não deveria ser um enclave na cidade ou no campo e, sim, um ponto de encontro de pensadores e estudantes que discutem e buscam alternativas para resolver problemas e desenvolver projetos (COSTA e SANDES, 2005, p.13).

Para a professora de Geografia entrevistada, a interdisciplinaridade é a principal motivadora daquilo que Paulo Freire conceituou por interação dialógica. A Geografia por ter como objeto de estudo a sociedade e o espaço deve consequentemente contribuir para que as relações desarmônicas presentes neste contexto convertam-se em relações harmônicas. Paulo Freire, assim como o renomado geógrafo Milton Santos, acreditava que o espaço geográfico é protagonizado por atores que ao atuar de forma consciente neste podem realizar

transformações caracterizados como benéficas em tal ambiente. Embasando-se nos princípios miltonianos e freireanos, a educadora entrevistada disse que enxerga em seus alunos as transformações conscientes do espaço geográfico. Esta transformação não pode vir a ocorrer com plenitude sem a presença de reflexão crítica.

O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente. A possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente [...] a base geográfica dessa construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena (SANTOS, 2001, p.54).

A professora entrevistada relatou que almeja sempre auxiliar seus educandos a enxergarem a realidade através de um viés mais profundo e crítico, o que segundo ela, refere-se à leitura do mundo proposta por Freire. Sabe-se que a luta para que leitura do mundo possa ocorrer com plenitude em âmbito educacional trata-se de um grande desafio enfrentado pelo professor de Geografia no

desenvolvimento de sua prática pedagógica. Eliese diz que ao dialogar sobre a categoria geográfica “*lugar*” com seus educandos nunca abre mão de associar sentimentos com tal categoria. As categorias geográficas podem ser experienciadas através de inúmeras maneiras. O espaço geográfico, de acordo com a profissional, também trata-se de um lugar onde ocorre liberdade e autonomia que são termos enfaticamente aludidos pelo educador Paulo Freire.

Lugares podem ser percebidos como “cacos” de um grande mosaico chamado de espaço geográfico. São “cacos vivos”, com dinâmica própria e particularidades que precisam ser consideradas como construção social de uma comunidade. Dessa forma, o lugar abre perspectivas para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço (FANI, 1996, p.73).

A entrevistada disse que sempre ressalta com seus discentes que a globalização se materializa na categoria geográfica “*lugar*”. É na escola que se escolhe a sociedade em que quer que ocorra as transformações. A Geografia não pode negligenciar as imensas riquezas presentes no espaço geográfico

fisicamente, socialmente e biologicamente. Para a professora Eliese a escola vai muito além das limitações de seus muros, não podendo ser assim considerada como espaço fechado. Eliese relatou que acha interessantíssimo os professores de Geografia em interdisciplinaridade com os outros docentes realizarem projetos de Educação Ambiental que enfatizam a reflexão crítica e conscientização tão aludidas por Freire. Os alunos não são somente meros objetos da educação e sim sujeitos dela. O educador, segundo Eliese, tem a função de construir a aprendizagem de seus educandos.

O educador, dentro deste processo, passa a atuar como mediador do processo ensino/aprendizagem, como aquele indivíduo que, através de uma didática eficiente, auxiliará seus educando a construir sua aprendizagem. A este educador, caberá a tarefa de problematizar o objeto de estudo, para que o educando, na interação com o objeto e com o meio se aproprie de seu saber, tornando-se autônomo (ANDRADE, 2011, p.16).

A professora de Geografia Eliese disse: *somente com o diálogo pode-se levar os alunos a pensarem certo*, refere-se a um dos diversos princípios freireanos. Para ela o professor deve aprender os quatro requisitos básicos para obter o bom desenvolvimento de sua prática pedagógica. Estes requisitos são aprender, fazer, conviver e ser. Atendendo-se a estes quatro requisitos freireanos o professor de Geografia conseguirá que seus educandos sejam reais cidadãos preenchidos de conhecimento teórico e prático, ou seja, com suas cabeças bem-feitas. Eliese disse que não existe reflexão sem ação. A mudança de mentalidade contribuiu para a cidadania planetária. O professor deve enxergar além, ser esperançoso, amável, aberto ao diálogo. A educadora entrevistada diz que o querer bem aos educandos é essencial para o bom educador em sua prática docente.

Assim, a partir de uma ação educativa mais ampla, que inclui vários níveis da ação humana, se promove a formação de um indivíduo responsável e cocriador da realidade em que vive – um indivíduo capaz de responder por suas ações, de se responsabilizar pelo seu próprio auto-

desenvolvimento, participando do seu ambiente social e natural, e desta forma constituindo sua realização pessoal, ao mesmo tempo em que garante a Vida em qualidade para todos (OLIVEIRA et al, 2007, p.97).

A docente entrevistada relatou que tem perfeita consciência de que a educação bancária não resulta em um bom desenvolvimento na prática pedagógica, salientando-se o importantíssimo papel desempenhado pela educação libertadora proposta por Paulo Freire. Para a entrevistada, o educador somente pode ser considerado como bom professor quando condizente a todas as tipologias do saber que Freire enfatizou em sua renomada obra intitulada “Pedagogia da Autonomia”. Ao ler tal livro a professora Eliese disse ter progredido acentuadamente objetivando-se transformar em uma real educadora progressista. A docente ressalta a importância de projetos culturais em Geografia, recordando-se que quando um grupo de capoeira realizou uma apresentação na Escola Estadual Vicente Macedo os alunos apresentaram bastante entusiasmo e curiosidade quanto à prática impregnada em tal demonstração folclórica.

Um dos elementos da cultura nacional que precisa ser cada vez mais estudado é a Capoeira: esporte, jogo, dança, luta, arte, tipicamente brasileira. É um desses elementos da cultura popular em que os modos de educar são tangidos por práticas bem peculiares e distintas daquelas que são referendas pelo paradigma dominante da ciência moderna e que se instituiu como uma forma de resistência dos grupos que foram vítimas colonialismo ocidental. Não podemos dizer que os saberes da capoeiragem estão completamente fora do espaço escolar, tendo em vista que, em todo o país, capoeiristas ensinam o esporte, o jogo, a dança, luta, arte, em diversos espaços escolares, tangenciando aeducação de meninos e meninas com saberes tipicamente brasileiros e intrínsecos à memória e a cultura nacional, mas que a escolarização não consegue incorporar, por estar historicamente balizada no conhecimento, racional, disciplinar, enciclopédico da ciência moderna (CORDEIRO, 2012, p.23).

Ao observar a aula da professora Eliese notou-se que apesar dela em sua entrevista relatar que segue com plenitude em sua prática docente a perspectiva freireanaum certo distanciamento na comunicação existente entre professor e aluno, pois em suas aulas a referida docente não abre muito espaço para discussões e debates, o que é imprescindível para que o discente possa demonstrar reflexão crítica. Quanto às habilidades cognitivas e afetivas a professora parece demonstrar ainda intensas dificuldades. Notou-se que a docente não consegue utilizar-se de estratégias consistentes para suprir as necessidades apresentadas pelos alunos no que se tange ao saber geográfico. Observou-se que através de suas aulas os alunos não conseguem compreender o presente e nem pensar com responsabilidade em uma situação futura.

3.2Relato da professora Josiane José de Souza

A professora de Geografia Josiane José de Souza, ao ser entrevistada relatou que em sua graduação teve a oportunidade de aprofundar-se mais no pensamento freireano que segundo ela tratou-se de uma base sólida e consolidante em toda a sua trajetória pedagógica. Respeitar o saber dos

educandos para Josiane é primordial. O professor deve formar o educando para a vida. Combater a exclusão social, assim como Freire é intentado cotidianamente pela educadora Josiane. Quando explana aos seus alunos sobre as mazelas e perversidades presentes na região nordestina como a fome e a seca a professora entrevistada disse que percebe profunda reflexão crítica surgir a partir das opiniões demonstradas por seus educandos. Trabalhar com músicas no ensino de Geografia de acordo com a entrevista trata-se de uma excelente metodologia didática a ser empregada em âmbito educacional.

Todo professor deve se permitir ensinar diferentemente ou ao menos imprimir, no que ensina sua personalidade (...). Não planeje uma filosofia de educação para os outros. Planeje para você mesmo. Alguns podem desejar compartilhá-la com você (CORDEIRO, 2012, p.16).

De acordo com a professora Josiane, o saber deve vir associado do como fazer. Para ela, a interdisciplinaridade é primordial em âmbito educacional. Valorizar o multiculturalismo sugerindo

propostas de pesquisas culturais com grupos folclóricos, raças, crenças, costumes, etc., segundo a entrevistada é extremamente edificante para o professor de Geografia desenvolver bem sua prática pedagógica. Ao sugerir uma pesquisa sobre os aspectos culturais do bairro Alto da Boa Vista, onde situa-se a Escola Estadual Vicente Macedo, a educadora relatou ter colhido excelentes frutos. Uma aluna convidou até a escola uma benzedeira moradora do bairro para falar um pouco com seus colegas sobre a benzeção. Neste dia notou-se que os alunos lhe questionavam bastante e buscavam conhecer mais sobre aquela tipologia cultural.

O modelo atual de estado é homogeneizador porque implica em uma só nação, cultura, direito, exército e religião. Esse modelo é defendido pelas classes dominantes (elites), a tradição moderna defende o conhecimento racional como dominante. A partir desse ponto de vista verifica-se a importância de defender outro tipo de unidade na diversidade, a exemplo do reconhecimento dos povos indígenas no processo de descolonização da América latina (CORDEIRO, 2012, p.21).

Os princípios éticos e estéticos freireanos de acordo com Josiane Ihe levaram a enxergar que o ensinar é belo e toda luta se não for baseada em princípios éticos infelizmente é em vão. De acordo com a entrevistada a Geografia Tradicional perdeu o sentido na contemporaneidade, pois a mera memorização e descrição dos fenômenos não leva à transformação. Ela recorda-se nesse sentido do Positivismo de Comte que objetivava naturalizar os fenômenos humanos. Os conceitos geográficos são dinâmicos, portanto não devem ser somente memorizados e sim também vivenciados. A educação libertadora valoriza a criatividade do educando, o que para a professora Josiane trata-se de uma metodologia didática excelente para que este possa desenvolver consequentemente suas habilidades e competências.

Inovar não tem necessariamente o sentido do inusitado. As grandes inovações estão, muitas vezes na centralização do óbvio, do simples, do que é possível fazer, mas que precisa ser desvelado, para que possa ser compreendido por todos e aceito sem outras resistências, senão aquelas que dão brilho e vigor ao

debate das novidades (MANTOAN, 1988, p.129).

A professora Josiane relatou que o ensino de Geografia deve ser mais reflexivo, ou seja, possibilitando ao aluno a leitura do mundo acompanhada da leitura da palavra onde este possa posicionar de maneira crítica sua visão de mundo. O educando é o futuro de nossa sociedade ressalta a referida educadora. De acordo com a entrevistada o professor de Geografia deve utilizar-se de métodos inovadores como música para despertar a criticidade de seus discentes. Valorizar a realidade do aluno sempre foi intentado por Josiane. Toda real aprendizagem requer inovação. As aulas de Geografia devem ser dinâmicas e não estáticas. O importante não é decorar os mapas e seus caminhos e sim saber a linguagem impregnada nestes, aventurando-se em novos caminhos idealizados. Ao trabalhar sobre o conteúdo o “Espaço Agrário Brasileiro” Josiane utilizou-se do poema “Morte e Vida Severina” de autoria do renomado escritor João Cabral de Melo Neto e também da música “Funeral de um Lavrador” de Chico Buarque de Holanda para explanar aos seus educandos sobre o referido temário.

É no “chão” da sala de aula que se desenrolam as teorias de ensino e aprendizagem de modo cíclico: através da pesquisa na escola, investigação de uma problemática na busca por soluções, teorizando-as de forma a comprovar sua eficácia ou não. Por isso, quando o livro didático é objeto de estudo, sua compreensão precisa envolver a própria dinâmica em sala de aula (BATISTA, 2011, p.23).

Ao propor esta atividade aos seus alunos, a docente Josiane relatou que estes demonstraram imensa receptividade pedindo que ela propusesse outras atividades como esta. Após a execução desta aula a professora de Geografia propôs-lhes que dividissem-se em grupos. O primeiro grupo iria realizar a elaboração de um poema sobre a temática trabalhada em sala de aula. O segundo grupo iria confeccionar um desenho, enquanto o terceiro uma história em quadrinhos e o quarto uma encenação. Para a realização destas atividades houve um trabalho interdisciplinar entre Geografia, Português e Artes. Percebeu-se que cada grupo demonstrou seu próprio conceito sobre o espaço agrário de acordo

com diversificadas experiências vivenciadas pelos educandos. Transmitir filmes aos alunos segundo a professora Josiane também trata-se de uma excelente metodologia recordando-se de que ao passar o filme “Como estrelas na terra” e “Escritores da Liberdade”, conseguiu colher excelentes frutos no desenvolvimento de sua prática pedagógica.

A concepção de Educação Popular advoga que a produção do saber escolar não se constitui fora da escola, o saber do educando deve compor a elaboração do saber escolar, pois que deve ser o ponto de partida para o processo que desencadeará o acesso a outras formas de saberes e que, posteriormente, permite ao educando fazer uma nova leitura do mundo (BATISTA, 2011, p.56).

Assim como Freire, Josiane disse que procura sempre valorizar os educandos como sujeitos críticos e também cidadãos ativos e transformadores de nossa sociedade. O texto que não motiva reflexão crítica é alienante e manipulador. O professor deve estar aberto aos questionamentos dos alunos e as suas diferentes interpretações sobre determinada temática. Para a entrevistada assim como o geógrafo Josué de

Castro o educador Paulo Freire valorizou enfaticamente em seus estudos aspectos sociais perversos como a fome através de um olhar geográfico. A fome é realidade presente na vida de inúmeros alunos e em diversos bairros onde se situam determinadas escolas ou em suas proximidades. Josiane diz que vários de seus alunos passam por adversidades como extrema pobreza, fome e violência. Ensinar solidariedade aos seus alunos é papel do bom professor.

Quantas histórias e experiências pelos processos de escolarização, cotidianamente testemunhamos, onde o insuficiente alimento é presença constante. Experiências que, da mesma forma, mostram aprendizados com a repartição do alimento, lá onde a fome, aquela que não é possível saciar quando bate à porta, é companheira frequente de muitas pessoas. Fome “concreta e não dicionária”, ou conceitual, que se instala sem pressa para sair. Onde é possível afirmar que humanos com fome submetem-se a situações de dependência e o controle social é exercido com destreza e eficácia, forma explícita e material de negação da liberdade. Mas se o

alimento é objeto de controle social, submissão, sempre possibilidade de análise da situação em que vive o trabalhador pobre, é, ao mesmo tempo, desafiadora via de resistência. Não poucos dos educandos com os quais trabalham educadores com quem fazemos formação, são parte dessa cultura do silêncio, do sofrimento, de perdas e aprendizados, submetidos à fala de quem detém o poder da fala, da definição de normas comportamentais e constituição de valores que servem de parâmetros: família, escola, trabalho e igreja (PITANO e NOAL, 2003, p.7).

Quando nas aulas observadas a docente Josiane dialogava com seus alunos sobre temáticas como “Dinâmica Populacional”, “Dinâmica da Natureza”, “Cartografia”, “Urbanização e Industrialização” e “A dinâmica do espaço mundial na contemporaneidade” os alunos demonstraram não apreender com satisfatoriedade tais conteúdos. A referida professora ao utilizar-se de mapas demonstra inovação na prática pedagógica de acordo com a perspectiva freireana, porém os alunos tem intensa dificuldade em ler mapas. Neste caso verifica-se que

a melhor opção á ser aplicada neste contexto é a leitura do mundo sobre a qual Paulo Freire aludiu com consistência em toda a sua brilhante existência. Na aproximação entre os resultados e descobertas obtidos através do Ensino de Geografia a docente demonstrou apresentar intensa dificuldade.

3.3 Relato da professora Leandra Pessoti Leone

A professora de Geografia Leandra Pessoti Leone disse que em sua graduação estudou bem vagamente sobre os princípios freireanos, mas que após concluiresta leu vastas obras dele como “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia”, o que segundo a educadora entrevistada foi extremamente relevante para aprimorar sua prática pedagógica e superar os desafios enfrentados em âmbito educacional. Como Freire, a docente Leandra acredita que o diálogo é essencialmente necessário no ensino de Geografia. Todos os docentes são também discentes tendo-se em vista que neste caso o aprendizado ocorre de forma mútua. Leandra relatou que o professor de Geografia deve possibilitar ao aluno uma conscientização e conseqüente criticidade ao realizar a leitura do

mundo que Paulo Freire tanto enfatizou em seus relevantes estudos.

Sua função mais específica é, consolidar o nível de desenvolvimento cognitivo de seus alunos, organizar práticas de educação geográfica que possibilite ao educando o desenvolvimento de raciocínios espaciais visando à construção de uma determinada consciência geográfica ou um olhar geográfico sobre o mundo (LOPES, 2014, p.16).

A relação cognitiva entre professor-aluno para Leandra é de suma importância. De acordo com a entrevistada sem sombra de dúvidas o professor de Geografia deve dominar bem os conteúdos geográficos para dialogar aos alunos sobre estes, mas nunca deve se esquecer de que como dizia Freire, o conhecimento se encontra inacabado, ou seja, está sempre em construção. O saber é permeado por inúmeras heterogeneidades. Para Leandra a teoria deve vir sempre associada à prática. O professor de Geografia deve apresentar exacerbado conhecimento geográfico, conhecimento pedagógico, ação educativa e compreensão do conteúdo ministrado. O

processo de ensino-aprendizagem em Geografia está intrinsecamente vinculado à relação professor-aluno. Leandra relatou que sempre buscou querer bem aos seus educandos respeitando sua autonomia e liberdade com grandioso carinho, respeito e afetividade.

O domínio da ciência geográfica, refletido na matéria de ensino, bem como de seus métodos próprios, é sem dúvida, condição prévia para seu ensino. Mas cumpre destacar que o fato de que nem a ciência é idêntica à matéria de ensino, nem os métodos da ciência idênticos aos métodos de ensino, ainda que guardem entre si uma unidade. Quando se trata de ensinar as bases da ciência opera-se uma transmutação pedagógica didática, em que os conteúdos da ciência se transformam em conteúdos de ensino (CAVALCANTI, 2006, p.126).

A docente disse que a pedagogia freireana sempre orientou sua vida e trabalho desde que a conheceu. Leandra relatou que enfrenta variados desafios em sua caminhada pedagógica, mas que com ousadia, alegria e otimismo tenta superá-los

sempre. Dialogando sempre com seus alunos, disse que ao estabelecer diálogo com eles busca compreender as experiências vivenciadas por estes, desde a infância para que possa ajudá-los e tentar não excluí-los ainda mais em âmbito educacional. O mundo pode ser lido de diversas formas e de acordo com a entrevistada tal leitura é primordial para compreender a realidade impregnada nos conhecimentos geográficos. Leandra destacou a relevância da interdisciplinaridade relatando que as trocas de experiências com colegas somente vem a somar no bom desenvolvimento de uma prática pedagógica satisfatória e eficaz.

Entendendo que, mais do que nunca, no contexto atual, local e global se interpenetram e se intensificam os contatos em escala mundial, e pensando, então, no “oprimido do mundo”, e na construção da cidadania para o mundo, a cidadania planetária, colocamo-nos as perguntas: Como ler o mundo na perspectiva da cidadania planetária? Como ler o mundo na perspectiva do sonho da planetarização, da constituição de um planeta habitado por uma única comunidade? Como formar para a cidadania planetária,

conscientizando os alunos de que somos cidadãos do mundo, do planeta, e não apenas do bairro, da cidade, do Estado e do País em que vivemos? Como formar para a cidadania que considera o local como ponto de partida e o global como ponto de chegada, que pensa o local, sem perder de vista o global, sabendo de suas determinações e desafios? O que é “ler o mundo” no contexto da globalização, neste contexto em que, através do desenvolvimento tecnológico, do desenvolvimento da informática, temos acesso tão facilmente e tão rapidamente a informações de e sobre diferentes partes do mundo e culturas? O que é “ler o mundo” no contexto da globalização, em que ampliamos nossa capacidade de comunicação, que vai além do um-a-um/um-a-alguns (telégrafo e telefone), um-a-muitos (televisão, rádio, imprensa, cinema) para muitos-a-muitos (Internet), permitindo que nos tornemos membros de variadas comunidades não enraizadas na geografia, permitindo que sejam criadas comunidades virtuais ligadas a interesses comuns: áreas do conhecimento (grupos de filosofia, psicologia,

antropologia...), ligadas a questões de gênero, etnia, raça etc.? (ANTUNES, 2002, p.239).

A professora de Geografia Leandra relatou que atualmente pode-se levar o educando a ler o mundo através de poesias, encenações teatrais, jogos lúdicos, etc. Um termo freireanoque muito estimula a docente entrevistada é situações-limite que devem ser superadas pedagogicamente pelo educador. Projetos de Educação Ambiental são extremamente bem-vindos para valorizar o diálogo, a reflexão crítica e a conscientização cidadã conforme ressalta a educadora Leandra. Por meio da generosidade, solidariedade e carinho por parte de um professor aos seus educandos demonstrado o que Paulo Freire conceituou por princípios éticos e estéticos. Para a entrevistada somente através de uma real prática educativa libertadora conseguir-se-à realizar eficazes transformações em âmbito educacional. Ensinar Geografia é fazer com que os educandos compreendam o espaço geográfico através de seus aspectos materiais e imateriais constituintes.

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber

o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro (SANTOS, 1997, p.247).

Para Leandra a liberdade de criar é excelente para que os alunos demonstrem suas habilidades e competências. A entrevistada relatou que a charge trata-se de uma excelente metodologia didática utilizada no ensino de Geografia. Para explicar sobre a categoria “*espaço geográfico*” torna-se extremamente viável utilizar-se de charges para alcançar concretizar tal intento. A criticidade, criatividade e dialogicidades são estimuladas com a utilização desta metodologia didática. O aluno estimula sua percepção na busca pela compreensão de uma charge. Através de charges pode-se chegar à leitura do mundo. O processo de ação pedagógica ocorre no próprio meio envolvente ao educando, salientou a professora Leandra. É necessário saber escutar os alunos. Somente a consciência da realidade pode transformar o mundo.

Essa maneira de perceber a prática pedagógica de educação de educadores se relaciona diretamente com o conceito grego da “Paideia” que coloca o homem no centro do pensamento educacional. Trata-se do homem livre, dotado da “Aretê” (virtude), e o homem livre (eleuteros) se opõe ao escravo (doulos), oprimido. Portanto, a verdadeira educação tem como objetivo oferecer ao homem as condições para alcançar a finalidade da vida: a humanitas. Assim, a educação do educador centrada na “Paidéia”, vem a ser um poderoso elemento de resistência na luta do homem pela liberdade, na sua humanização (MESQUIDA, 2011, p.39).

Freire costumava sempre dizer que a utopia transforma o mundo, portanto a professora Leandra disse que nunca deixou de ser uma educadora sonhadora quanto ao plano real de uma educação de qualidade. Para Leandra a educação bancária é falha e insuficiente, pois de nada adianta uma cabeça ser cheia e não bem-feita. A educação bancária faz que o sujeito torne-se um oprimido como dizia Paulo Freire

e não um cidadão crítico realmente consciente. Ensinar exige coragem, ousadia e atitude. Para a docente Leandra pesquisas de cunho cultural, ambiental, etc. são importantíssimas tanto para a aprendizagem do aluno quanto para o progresso profissional do professor. A Feira de Profissões realizada neste ano na Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade de Frutal (figuras 1 e 2) segundo a professora entrevistada foi extremamente relevante para que os alunos pudessem já ir pensando em seu futuro profissional, acreditando ela que daquela localidade com certeza sairiam alguns futuros geógrafos.

O papel da autoridade democrática não é, transformando a existência humana num ‘calendário’ escolar ‘tradicional’, marcar as lições de vida para as liberdades, mas mesmo quando tem um conteúdo programático a propor, deixar claro, com seu testemunho, que o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume. Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de

professor, aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho. Se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista. Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo, mas também de como o aluno entende como atuo. (FREIRE 2005, p. 87).



Figura 1: “Feira de Profissões da Escola Estadual Vicente Macedo ocorrida no anfiteatro da UEMG-Frutal”.

Fonte: www.uemgfrutal.org.br



Figura 2: “Alunos da Escola Estadual Vicente Macedo na Feira de Profissões”.

Fonte: www.uemgfrutal.org.br

A professora Leandra disse em sua entrevista que associar conteúdos geográficos à infância dos alunos é uma excelente metodologia didática para

explanar sobre a categoria geográfica “*lugar*”. O professor de Geografia nunca deve deixar de aprender com as novas experiências encontradas na trajetória de sua prática pedagógica. O ensino de Geografia deve fazer os educandos reinventarem o mundo. Os Círculos de Cultura criados por Paulo Freire segundo a educadora Leandra pode também ser utilizado atualmente em rodas de conversa trocando experiências diversas, o que enriquece e bastante um currículo pedagógico. Ninguém aprende e nem ensina sozinho. Dialogando consegue-se aprender e ensinar. Todo bom professor aprende com seus alunos. E aprender coisas novas é ótimo salientou a educadora entrevistada.

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se [...]. O diálogo não é produto histórico, é a própria história (FREIRE, 1987, p.134).

Segundo a professora Leandra, o diálogo vivo demonstra a força da palavra acrescida da

consequente leitura do mundo. O diálogo causa inquietação. Valorizar o imaginário, o fantasioso, o lúdico também é papel do professor de Geografia. O educador progressista para Leandra, valoriza a democracia, a liberdade e a autonomia combatendo ao autoritarismo, preconceito e exclusão. O diálogo exige confiança, respeito mútuo e descontração. A educadora entrevistada salientou a importância da reflexão crítica e da participação coletiva convidando familiares, amigos, funcionários da escola e professores da outra disciplina construindo assim a real cidadania. A troca de saberes trata-se de um excelente passo dado em busca de um bom desenvolvimento pedagógico. O pensar, o sentir e o agir são transformados através do ensino-aprendizagem.

O diálogo entre duas pessoas não é composto só de palavras. Quando se intercambiam olhares, na realidade estão dialogando dois anjos, talvez o anjo do amor com o anjo do desejo, ou ainda o anjo da beleza com o anjo do caos. A linguagem do olhar vem de regras muito profundas do ser e do possuir as características do mistério, da aceitação, do medo e da fúria. Se somos sensíveis ao olhar

dos outros, podemos entrar em empatia ou ficamos fora, recolhido na nossa solidão (TORO, 2007, p.78).

O caráter humanista e dialético freireano segundo a docente Leandra não podem ser em nenhum momento desprezados pelos professores de Geografia. A partir da leitura de nossas próprias experiências consegue-se ler o mundo. O indivíduo crítico redescobre significados. Seguindo os princípios freireanos com perseverança o professor consegue superar dificuldades encontradas e avançar firmemente em sua prática pedagógica, relatou Leandra. Diversidade cultural é um fenômeno concreto. Cabe ao professor de Geografia compreender que a diversidade cultural existe e respeitá-la em seu aspecto heterogêneo constituinte. A transformação também se encontra presente na diversidade cultural. Leandra ressaltou que sem respeito não existe diálogo. A educação libertadora promove diálogo e respeito à autonomia do educando.

O índio não optou por pescar flechando. O seu estágio cultural e econômico, social etc. é esse, o que não significa que ele não saiba,

que não possa saber de coisas que se dera fora desse estágio cultural. Então eu acho que o meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser de minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não me impõe negar ao outro o que a curiosidade do outro e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe. Em última análise, a superação das “debilidades da cultura”, que se constituem na prática social, requer a transformação desta, através das alterações que se vão dando nas relações sociais de produção (FREIRE, 2005, p.89).

A professora Leandra demonstrou em alguns aspectos na regência de suas aulas uma falta de dinamização atendo-se incessantemente ao livro didático, o que faz com que o aluno demonstre desinteresse e a perspectiva freireana seja assim desvalorizada em âmbito educacional. Em suas aulas observou-se somente a presença daquela relação professor, quadro e aluno e não o real incentivo ao aluno quanto ao saber e aprender, o que para Paulo Freire era compreendido como imprescindível em uma eficaz prática pedagógica. Sabe-se que se o

aluno não deseja aprender, o professor também nunca conseguirá realmente o ensinar. Essa proximidade professor e aluno ainda é exacerbadamente deficiente e esse tem se tornado um catastrófico problema em âmbito educacional. Quanto ao preparo da aula a professora mostrou atuar de forma bem mecânica.

4 ENSINAR-APRENDER: A INSPIRAÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A PRÁTICA DOCENTE

4.1 Uma teoria que nasce da prática

As contribuições de Paulo Freire são inúmeras analisando-se o que se conceitua por educação crítica. Inspirando-se nos legados freireanos diversos profissionais produziram excelentes produções bibliográficas. Inúmeros geógrafos produzem trabalhos excelentes embasando-se nos princípios postulados pelo educador Paulo Freire. Nota-se um acentuado interesse quanto ao pensamento freireano. Diferentes áreas do conhecimento produzem relevantes obras a partir de Freire. A diversidade cultural e a superação de problemas educacionais são fatos profundamente trabalhados por Freire e estudados atualmente por geógrafos e demais profissionais. Paulo Freire ensinou os indivíduos a ler o mundo, o que está intrinsecamente relacionado aos conhecimentos geográficos. O pensamento freireano vem sendo reinventado em diversas áreas do conhecimento.

A Leitura do Mundo nos mostra que hoje o planeta está em sério perigo nas mais variadas dimensões. A lógica do mercado, do capital, que oprime, segrega, exclui seres humanos da vida com dignidade, também se aplica sobre o planeta Terra. Por isso necessitamos de uma educação que reafirme os valores da ética nas mais variadas dimensões do desenvolvimento sustentável sejam elas sociais, culturais, ambientais, econômicas, etc. Todas as pessoas são capazes de produzir o conhecimento e através dele conquistar a capacidade de abertura para o novo e lidar com situações e condições inovadoras, colaborando com o desenvolvimento sustentável. Todo o cidadão deve ser ouvido e participar dos processos culturais, sociais, políticos e econômicos. Considerar os cidadãos como autores sociais e sujeitos de direitos, significa assegurar a eles uma educação de qualidade. Para isso, faz-se necessário ter como premissa as diversidades e especificidades que caracterizam o cosmo e sua sustentabilidade. É preciso considerar que a sociedade e sua diversidade de ideologias assumem faces diferentes conforme seus múltiplos projetos e as condições materiais e

culturais que as cercam (BARRETO, 1986, p.9).

O diálogo, a problematização, o pensamento crítico, participação, autonomia, libertação, identidade cultural e saber são os princípios freireanos que mais estimulam o surgimento de pesquisas a respeito de seu pensamento. Inúmeros educadores são estimulados pelos princípios postulados por Paulo Freire. A teoria nasce da prática. O educador deve ser continuamente engajado e reflexivo. A educação popular associa enfaticamente teoria a prática. A conscientização é adquirida através da prática que nasce em conteúdos teóricos. O pensamento freireano pode ser perfeitamente aplicado em qualquer uma das modalidades educativas: Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissionalizante e Educação Especial. Como também em todos os níveis de ensino: Educação Básica e Educação Superior. Os conhecimentos que os alunos trazem consigo não podem ser desprezados na aprendizagem.

Por consequência o papel do educador era o de transmitir este conhecimento ao educando. A imagem com a qual Paulo Freire

costumava retratar esta realidade era a de que o educando era considerado um copo vazio de conhecimentos que deveria ser enchido pelo educador (BARRETO, 1986, p.7).

O conhecimento deve condizer com a realidade. Não há educação sem conteúdos e sem diálogo. Professores e alunos devem ser construtores de diálogo. O professor progressista atua em âmbito educacional de forma democrática. A postura arrogante do educador faz com que ele não consiga êxito nem na transmissão de conteúdos teóricos quanto práticos. O autoritarismo leva à obediência e não ao pensar certo. O autoritarismo trata-se de uma prática antipedagógica e antidemocrática. O professor arrogante e autoritário não é um mestre humano. A dominação oprime e não ensina. O discurso docente autoritário e a prática docente autoritária devem ser banidos em âmbito educacional. Só se consegue superar o autoritarismo através de uma prática libertadora. O diálogo é estabelecido na troca de saberes ocorrente entre educando e educador.

Quando educador e educandos se debruçam sobre um mesmo objeto para conhecê-lo,

cada um o faz com um universo de conhecimentos (conceitos, informações, noções, etc.) que permitirão conhecer este objeto. Como diz Piaget, só podemos conhecer o desconhecido partindo daquilo que já conhecemos. É este conhecimento pessoal e intransferível que irá permitir o conhecimento do ainda desconhecido. Este conhecimento será consideravelmente ampliado se ambos puserem em comum o seu conhecimento. Isto é se houver diálogo entre eles. Pôr em comum ou dialogar não significa que um irá aprender do outro. Antes significa que o conhecimento de um estimulará a criação do conhecimento do outro. Na verdade, algumas informações serão ampliadas com as informações do outro, mas estas trocas de informações representam a parte menos rica do diálogo. Afinal, elas também podem tornar-se disponíveis através de relações não dialógicas. O característico do diálogo é que o conhecimento de um desafia a produção de conhecimento no outro. Isto porque a relação democrática não reprime a reflexão e a criatividade, mas ao contrário desafia o seu exercício. Na relação

dialógica inexistente a passividade e a neutralidade. Os interlocutores são agentes no processo de construção do conhecimento. Porque só se conhece na Ação (que seja participativa) (BARRETO, 1986, p.3).

Freire (figura 3) denunciou o autoritarismo, em seu livro “Pedagogia do Oprimido” tornou-se o mais conhecido de sua vasta obra. A perspectiva freireana trata-se de uma teoria do conhecimento e filosofia educativa não podendo ser meramente limitada a um método. Os princípios freireanos são totalmente comprometidos com a transformação da sociedade. Freire valorizou a sabedoria popular objetivando-se a conscientização cidadã. Alunos e professores aprendem juntos, combatendo-se os métodos pedagógicos tradicionalistas. A hierarquia horizontal valoriza esta tipologia educativa. O educador não deve nunca distanciar do educando e sim aproximar cada vez mais. A educação libertadora associa teoria à prática. A educação popular felizmente vem sendo bastante aceita no campo educacional atual.

A grande originalidade do trabalho de Freire está no fato de considerar a educação como libertadora. Essa é a ideia básica do seu mais

famoso livro, *Pedagogia do Oprimido*. Independente do trabalho em um dado círculo de cultura ser ou não relacionado com alfabetização de adultos, o educador deve promover o debate, instigando fortemente os alunos com perguntas em torno das palavras geradoras. Deve também estar atento às eventuais dificuldades do grupo, procurando saná-las sempre por meio de intensa discussão. Essa discussão era incrementada com vários recursos didáticos como pôsteres, projetor de transparências ou slides, onde sempre era destacada a palavra geradora (OSTERMANN e CAVALCANTI, 2010, p.39).



Figura 3:“Paulo Freire”.

Fonte:

www.blogs.odia.ig.com.br

A educação bancária e a renovada não transformam o oprimido enquanto que a educação libertadora realiza tal ocorrência com plenitude. A educação libertadora é crítica, enquanto que as outras são acríticas. A educação tradicional para Freire era considerada como extremamente autoritária. A educação libertadora proporciona libertação, conscientização, criticismo, codificação, decodificação e problematização de fatos e situações. A prática vivenciada valoriza em suma os aspectos sociais. A educação problematizadora motiva a aprendizagem.

A motivação ocorre a partir da análise crítica, ou seja, da leitura do mundo. O ato de aprender está associado a relação concreta. A prática docente exige crítica e reflexão. O professor é sujeito ativo em sua própria prática e deve valorizar os alunos da mesma forma para obter êxito no processo de ensino-aprendizagem.

A práxis é a atividade concreta pelo quais os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterar-lhe transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoconhecimento, da teoria; e é a teoria que remete a ação que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cortejando-a com a prática (KONDER,1992, p.133).

Marcas, atitudes, experiências, concepções, linguagem, regras, normas, emoções, posições, ditos, dilemas, contradições, saberes, rupturas e processos estão atrelados à associação entre teoria e prática. Ressignificar os conhecimentos aprimora e bastante uma prática pedagógica de qualidade. A prática

reflexiva requer olhar crítico e criatividade. Buscar cursos de especialização e reciclagem trata-se de uma excelente metodologia para superar desafios em âmbito educacional e aprimorar-se na prática docente.

4.2 Prática pedagógica na formação do professor de Geografia

Para Paulo Freire o discurso docente deve vir sempre associado a uma prática pedagógica condizente a esta, aplicando-se esta regra também, aos professores de Geografia. Para aprimorar sua prática pedagógica o educador deve tornar as produções bibliográficas como artigos sobre suas experiências vivenciadas em sala de aula e participar sempre de cursos, congressos e palestras interessantes quanto a sua formação docente. A relação entre teoria e prática precisa ser estreitada em âmbito educacional. A análise crítica demonstra uma nova maneira de se fazer educação. Os conceitos geográficos devem relacionar-se às experiências cotidianas dos alunos associando-se assim, teoria à prática. O ensino de Geografia deve levar a compreensão do presente e a tomada de responsabilidade quanto ao futuro.

Para o exercício da profissão de professor, os processos de formação inicial e continuada deverão considerar seus saberes teóricos e práticos, específicos e experienciais, a fim de que os mesmos consigam desvendar, conscientemente, as realidades onde estiverem atuando, desenvolvendo a capacidade de aceitarem os riscos, de terem disponibilidade para buscarem explicações ao que enfrentam e propõem, abrindo caminho para o uso da reflexão, exercitando a cooperação e a interação dialógica no coletivo (MICHELOTTI et al, 2003, p.10).

O professor de Geografia adquire o saber docente em sua prática cotidiana. A docência é realmente entendida através de características pedagógicas como as freireanas. O conhecimento não se encontra inacabado conforme enfatiza Freire, mas está sempre em processo construtivo. Quando questionado o professor deve ter consciência que está realmente ensinando, pois a real aprendizagem é permeada por uma imensurável inquietação. A interdisciplinaridade é de grande consolidação para a prática docente. Tal termo alude à interação dialógica

que Paulo Freire tanto abordou em seus relevantes estudos. A Geografia relaciona-se com as demais ciências. A prática docente inovadora proporciona o pensar certo. Os princípios éticos e estéticos não podem ser menosprezados em uma prática pedagógica de qualidade.

Assumir que os professores são produtores de um saber prático, originário das respostas que produzem em face à imprevisibilidade e à ambiguidade da prática, possibilita avançar no entendimento da profissionalidade docente, como sendo o conjunto de saberes específicos, construídos no trabalho e que caracterizam profissionalmente o professor. É importante que os professores possam se assumir como sujeitos de suas práticas, analistas do contexto em que atuam articuladores dos conhecimentos teóricos com as dinâmicas sociais e com as necessidades de aprendizagem de seus alunos (ROJAS e HAMMES, 2011, p.78).

O espaço geográfico para ser devidamente analisado em sua totalidade constituinte deve ser avaliado através de uma análise integrada. A

dinâmica espacial deve ser compreendida por professores de Geografia e alunos para obter-se nível satisfatório tangente ao ensino-aprendizagem. Levar o aluno à adquirir a leitura do mundo trata-se de uma missão indispensável a ser desempenhada por tal profissional. O papel docente deve ser sempre inovado e repensado. O professor não é um simples reprodutor de conhecimento. As práticas docentes devem ser constantemente examinadas e repensadas. A prática docente que reflete o discurso docente pode ser considerada como realmente eficaz e satisfatória. Práticas pedagógicas não reflexivas não condizem com a educação libertadora embasada em princípios freireanos.

A superação de práticas rotineiras e não reflexivas e a tomada de consciência dos professores a respeito dos saberes revelados na prática são instrumentos importantes para uma progressiva libertação dos professores como grupo profissional, bastião do desenvolvimento de sua profissionalidade e de maior qualidade do ensino. O que se deseja, nessa perspectiva, é favorecer a “libertação” do espírito reflexivo e criativo do professor, considerando-o protagonista e

investigador de suas próprias práticas (LOPES, 2014, p.13).

As categorias geográficas podem ser perfeitamente dialogadas através dos princípios freireanos. As práticas construídas em sala de aula devem ser reconstruídas. O professor de Geografia deve atentar-se a cada gesto, cada ação e cada palavra transmitida em sala de aula. Através do trabalho desempenhado pelo referido profissional este pode realizar uma consistente associação entre saber e ensinar. As experiências trocadas com outros professores são imensamente sólidas consistindo-se em um bom desenvolvimento quanto à prática pedagógica exercida por um professor de Geografia. Analisando-se as práticas pedagógicas de tais professores através da pesquisa realizada neste TCC concluiu-se intensa diversidade quanto a esta. As aulas de Geografia ministradas de forma expositiva e clássica não consideram o aluno como sujeito ativo e transformador e sim como uma cabeça onde deposita-se conteúdos como deposita-se dinheiro em um caixa bancário aludindo-se assim ao que Paulo Freire conceituou por educação bancária e combateu ferrenhamente em toda sua trajetória de vida.

Assim, o desafio da ciência geográfica, por meio dos conteúdos curriculares ensinados na escola, é o de conseguir atuar como mediadora e esclarecedora para despertar nas pessoas, por meio da prática educativa, uma consciência de se preservar a natureza e compreender a realidade socioambiental. Nesse sentido, ensinar Geografia é permitir que o aluno compreenda que a sociedade fundamenta-se na construção do social sobre o natural. A Geografia deve assumir ativamente o seu papel e oferecer à sociedade condições para utilizar o seu potencial, no sentido de integrar os seres humanos e a natureza para utilização dos recursos de forma democrática, numa dinâmica que se revele sustentável, que permita aos homens de hoje satisfazer suas necessidades sem comprometer as gerações futuras (ULHÔA et al, 2005, p.45).

A prática pedagógica no ensino de Geografia necessita aliar-se ao cotidiano vivenciado pelos educandos. O professor de Geografia deve ir além dos conteúdos descritivos, ou seja, ultrapassar os limites estabelecidos pela escola. Os educadores

podem apresentar posturas teórico-metodológicas diversificadas comprometidas por meio de um projeto pedagógico. Considerar a evolução do pensamento geográfico torna-se primordial ao ensinar Geografia. Infelizmente o tradicionalismo ainda se encontra presente em livros didáticos da disciplina, cursos formativos de docentes e na própria prática pedagógica dos professores de Geografia. O ensino de Geografia baseado na perspectiva tradicionalista era fragmentado e sem conexão com a realidade dos fatos e fenômenos. O método dialético proporcionou o surgimento da crítica no ensino geográfico.

O trabalho pedagógico é, indiscutivelmente, necessário e importante à formação do cidadão. A Geografia, então, é uma disciplina que contribui com esta formação, pois traz em sua grande abrangência em relação às diferentes áreas do conhecimento o respaldo necessário à compreensão do homem enquanto sujeito ativo em um mundo extremamente dinâmico (BELO e FERREIRA, 2012, p.82).

A realidade pode ser interpretada de diversas maneiras. O professor de Geografia deve sempre buscar trabalhar o particular em relação geral para entender eficazmente a dinamicidade presente no conhecimento geográfico. Experienciar novas aventuras aprimora a prática pedagógica de um bom educador. Sem criticidade não se alcança uma prática pedagógica de qualidade. Ensinar Geografia consiste na formação do cidadão, fato que o professor de Geografia nunca deve esquecer ao transmitir os conteúdos geográficos a seus educandos. O aluno deve ser levado a construir a sua própria concepção quanto aos conteúdos geográficos. Torna-se necessário à formação do cidadão quando objetiva-se obter transformação social. Somente compreendendo a identidade do indivíduo consegue-se realizar a real formação cidadã.

Como é sempre o professor o mediador do conhecimento a ser desenvolvido nas escolas, cabe-lhes trabalhar com desafios como: o que e de que maneira ensinar? Que dizer, estando no cerne do ato educacional o fazer-pensar do professor e do aluno, o ensinar-aprender adquire uma importância fundamental. Na empreitada de se buscar as possibilidades

para um ensino de Geografia considerado bem-sucedido, entendessee que encontrará condições mais favoráveis se acontecer com a resolução daqueles aspectos gerais da escola e da educação. Ou seja, trabalha-se, como sempre, com a relação entre o particular e o geral (KIMURA, 2011, p.222).

4.3 Habilidades, competências e atitudes

O professor de Geografia necessita compreender as características de seus alunos atuando de forma democrática e progressista para que assim, possa valorizar com plenitude as habilidades, competências e atitudes desenvolvidas por seus educandos. Através de criatividade e reflexão crítica a formação cidadã ocorre em plano real. As categorias geográficas quando dialogadas a partir de princípios freireanos demonstra enfaticamente a associação ocorrente entre teoria e prática. O educando deve ser estimulado a refletir sobre a sociedade em que vive. A interdisciplinaridade trata-se de uma excelente metodologia para que os alunos demonstrem suas habilidades, competências e

atitudes. Dialogar com os educandos e ouvir seus questionamentos enriquece imprescindivelmente a prática pedagógica de um bom professor.

É tarefa do educador, todos os dias, de qualquer modo, de todos os jeitos, formar o jovem para ser sujeito, protagonista da sua história. Educar o jovem cidadão para ser melhor como gente, desenvolver sua humanidade, sua espiritualidade formando-o para participar ativamente do processo de transformação social (SILVEIRA, 2002, p.2).

A prática pedagógica trata-se de uma prática sociohistórica e sociocultural que vai muito além da prática docente. Os princípios éticos são indispensáveis tanto na prática docente quanto no processo de ensino-aprendizagem. O saber sem o fazer é em vão. A prática é permeada por conflitos que devem ser superados com embasamento nos princípios éticos, estéticos e freireanos. O enfoque crítico-reflexivo realça a prática docente. Tal prática exige reflexão, criticismo, liberdade, autonomia e ação. O professor de Geografia deve ser reconstrutor do conhecimento ao transmitir os conteúdos geográficos em sala de aula a seus educandos. Os

educadores precisam ampliar seu mundo de ação e reflexão para educar cidadãos conscientes de que a realidade necessita ser transformada. A prática docente exige compreender a complexidade impregnada no processo de ensino-aprendizagem.

O professor adquira uma bagagem cultural explicitamente política e social; o desenvolvimento de capacidades de reflexão crítica capaz de perceber os processos de exclusão, ainda que ocultos sob a ideologia dominante, e o desenvolvimento de atitudes que promovam o comprometimento do professor como intelectual transformador (ROMANOWSKI e SANTOS, 2003, p.8).

Torna-se necessário aprender a aprender, conhecer, fazer e ser. Através da problematização tão aludida por Freire pode-se formar um profissional docente com habilidades, competências e atitudes satisfatórias no processo de ensino-aprendizagem. Tanto os docentes como os discentes devem ser inquietos quanto à construção do conhecimento que não se encontra de forma nenhuma em estágio inacabado. Trabalhar com atividades integradas significa superar os desafios e dificuldades presentes

no sistema educacional. Competências, habilidades, atitudes, princípios estéticos, princípios éticos, saberes críticos, científicos, didáticos e pedagógicos tratam-se de saberes docentes. A atividade interdisciplinar deve ser planejada para que haja a construção da cidadania e o respeito à capacidade do educando.

A prática interdisciplinar constitui-se de um trabalho coletivo e solidário que exige a descentralização do poder e uma efetiva autonomia do sujeito, seu exercício envolve competências docentes tais como: perceber-se interdisciplinar; contextualizar os conteúdos; valorizar o trabalho em parceria; desenvolver atitude de pesquisa; valorizar e dinamizar a comunicação; resgatar o sentido de humano e trabalhar com a pedagogia de projetos (RAMOS e SILVA, 2004, p.9).

As competências tratam-se de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões desempenhadas não somente no cenário educacional mas também na vida pessoal de educadores e educandos. A ação docente exige competência e habilidade. Deparar com as situações-problema cotidianas corresponde ao

baseado desenvolvimento de habilidades e competências. O conceito de competência aplica-se tanto ao campo profissional quanto ao campo educacional. O ensino não deve ser somente na memorização, pois assim o aluno não consegue desenvolver bem suas habilidades e competências. As situações problemas necessitam ser criadas e inovadas de acordo com o cotidiano do educando. Competência refere-se ao saber fazer bem. Ser um professor de Geografia competente significa agir eficazmente em determinada situação superando obstáculos e desafios presentes no campo educacional.

Os professores que assumem o ensino por competências se apropriam de responsabilidades na escolha de práticas sociais. Além disso, modificam suas próprias visões a respeito da cultura e da sociedade, principalmente, ao construir conhecimentos. Aqueles que não optarem por essa abordagem poderão continuar trabalhando a partir de seus modelos de professores, de forma segregada e disciplinar (PERRENOUD, 1999, p.17).

O aprendizado ausente da prática social é falho e insuficiente. Todo projeto pedagógico consistente atua de forma a reverter as situações-problema em resultados satisfatórios. O professor de Geografia pode atuar de forma transparente e combater a individualidade valorizando-se a coletividade. A competência desafia o professor a mobilizar recursos inovadores para que a aprendizagem possa ocorrer com satisfatoriedade. O professor que não possui competência não consegue transmitir esta para seus educandos. O saber teórico e prático apresentam igualitária relevância. Aceitar as situações-problemas é valorizar a aprendizagem. Os alunos não são máquinas e são totalmente capazes de sentir, analisar e refletir os conhecimentos geográficos transmitidos pelo mestre. Sem o domínio do conteúdo por parte do docente a competência não ocorre com satisfatoriedade neste contexto.

Cada problema resolvido poderá gerar outro, portanto, o planejamento deve ter um caráter flexível, sem deixar de levar em consideração o nível dos alunos e a dinâmica da sala de aula e tão pouco os conteúdos curriculares. Ao aventurar-se nos projetos e nas situações-problema fortes e fecundas não há uma

previsão exata de término. É preciso saber extrair o essencial e esta é uma competência, segundo o autor, que relaciona a relação pessoal do saber e da compreensão com o real (FELICETTI e SILVA, 2014, p.23).

O bom professor de Geografia promove cooperação e não competitividade. Não existe método de ensino e avaliação específica, provando assim que o educador pode sim criar sua própria metodologia e seu próprio processo avaliativo desde que promova a cooperação e não a competição. O educador deve incentivar e orientar as experiências de seus educandos. O professor é um profissional engajado e não meramente um avaliador. A educação atual pode ser considerada um jogo onde resolve-se problemas e supera-se obstáculos. Somente vencem ao jogo os professores e alunos competentes e habilidosos. A escola deve ser aberta á todos sem promover exclusão. As habilidades e competências não encontram-se inacabadas, ou seja, são construídas aos poucos. A ausência de problemas ou dificuldades não estimula ao desenvolvimento daquilo que conceitua-se por habilidades e competências.

Um dos problemas mais difíceis hoje para os professores é o que se tem chamado de "gestão da sala de aula". Ou seja, a organização temporal e espacial das atividades que dizem respeito aos alunos e professores, visando ao ensino e à aprendizagem. Os professores queixam-se de que os alunos não aprendem, fazem bagunça, são mal educados, irreverentes. Queixam-se, também, da insuficiência de recursos para resolver esses problemas. Sentem-se impotentes e desamparados. Como transformar tudo isso em um problema no sentido legítimo do termo? Tais dificuldades se converteriam em objeto de discussão se, conversando com o orientador ou discutindo a questão com colegas, fosse possível planejar, no sentido de projeto pedagógico, um trabalho visando à superação dessas dificuldades: discutindo estratégias, compartilhando situações comparáveis, planejando formas de solução, avaliando o sucesso ou fracasso das iniciativas já tomadas, refletindo sobre os fatores que produzem tais dificuldades, lendo um texto ou ouvindo uma palestra relacionada ao tema

em discussão. Lamentos e queixas não são problemas no sentido que queremos aqui valorizar. Uma queixa tem “cara” de problema, mas não é um problema. É só uma queixa, algo muito desagradável, apenas isso. Existe um problema quando se transforma a queixa em um desafio a ser superado. Às vezes um bom problema começa com uma queixa (MACEDO, 1999, p.21).

A formação docente trata-se de um processo pedagógico intencional organizado que objetiva preparar tal profissional para o ensino. Educar é formar cidadãos responsáveis. Criar novos ambientes de aprendizagem trata-se de uma missão a ser desempenhada pelo bom professor de Geografia. A aprendizagem deve ocorrer de forma permanente e contínua. Para ser um real profissional o educador deve associar teoria à prática. O conhecimento pedagógico e cognitivo é primordial para que haja avançado desenvolvimento em uma prática pedagógica. A produção de artigos sobre a prática executada em sala de aula infelizmente conforme se notou nesta pesquisa realizada objetivando-se a elaboração deste TCC ainda é bem reduzida ressaltando-se a importância de ações como esta

tanto para a formação docente quanto para a prática pedagógica.

Compreende-se, então, a aprendizagem como um processo de desenvolvimento pessoal em sua totalidade, abrangendo um desenvolvimento cognitivo, num processo constante de busca de conhecimentos para o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores (ZABALZA, 2004, p.222).

Conforme se constatou nas entrevistas realizadas os professores de Geografia da Educação Básica ainda envolvem-se pouco em pesquisa. Para Freire o educador que não é pesquisador não consegue êxito em fazer com que seus alunos sejam pesquisadores. A comunidade acadêmica deve aproximar-se mais ainda da realidade educacional das escolas públicas implantando projetos pedagógicos, realizando palestras, promovendo seminários, etc. Vale ressaltar que o ato de ensinar trata-se de uma prática social. Infelizmente nem todos os educadores valorizam o termo competência da forma que deveriam valorizar. O professor de Geografia competente é aquele que busca realizar com eficácia sua prática docente tornando seus

educandos também dotados de competência. Correr riscos faz parte do jogo conceituado como prática pedagógica de um professor de Geografia e também de todas as demais disciplinas. Freire nunca teve medo de aventurar-se na construção do conhecimento e seguindo destemidamente em toda a sua belíssima trajetória pedagógica de forma alegre, progressista, otimista e esperançosa.

Ser um profissional da aprendizagem, expressando ou desenvolvendo competências para isso, implica articular a relação professor – aluno com o desejo de saber (saber pedir), coordenar objetivos e conteúdos a ensinar com competências transversais ou metodológicas dos alunos (pedir com), e criar situações de aprendizagem que possibilitem uma relação do educando com os objetos a serem aprendidos, ao custo de não se excluir deste processo, mas renunciando a uma posição de especialista ou “dono” de um saber (pedir contra). Em uma palavra, espera-se que professor saiba gerir e gerar aprendizagens (MACEDO, 2008, p.28).

Não existe um único modelo de ensino e quem pensa assim está totalmente equivocado. O educador é um real e eterno aprendiz. Somente uma formação docente de qualidade resulta no desenvolvimento de potencialidades e conscientização cidadã. Assim como a sociedade sempre transforma-se o professor também deve estar sempre transformando-se e repensar sua prática pedagógica desenvolvida é uma tipologia de transformação neste sentido. Fazer comparações entre práticas pedagógicas de antes com as atuais é sempre bom neste intento. A mediação pedagógica expressa habilidade, atitude e competência na prática docente. Observar cotidianamente as potencialidades e dificuldades impregnadas nos alunos trata-se de uma prioridade essencial para o bom professor de Geografia.

Seja explicitado como pode ser entendida a mediação pedagógica em um ambiente de aprendizagem. Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento, do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem

não uma ponte estática, mas uma ponte 'rolante', que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos (MASETTO, 2001, p.111).

O bom educador sabe respeitar as diferenças de acordo com princípios éticos e estéticos que o renomado educador Paulo Freire tanto enfatizou em seus relevantes estudos. Na sala de aula os educandos devem ser levados a aprender de forma natural para que assim possam vir a desenvolver habilidades e competências com plenitude. O ensino de Geografia exige planejamento. Vale lembrar que o docente não é somente transmissor de conhecimentos e sim também formador de cidadãos. Não ocorre transformação com a ausência de crítica. Todo educando deve ser emancipado socialmente, educacionalmente, culturalmente e politicamente. Superar as dificuldades do passo demonstra aprimoramento em uma prática pedagógica. O educador que não é curioso não consegue despertar curiosidade ao educando, o que para Paulo Freire é essencial para que a autonomia do educando seja respeitada.

O professor nesse contexto mantém uma postura norteadora do processo ensino-aprendizagem, quando busca novas aprendizagens e se utiliza destas para construir e colaborar com a construção de novo conhecimento tanto para si como para seu educando, levando em consideração que sua prática pedagógica em sala de aula tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual de seu aluno, podendo ele ser o foco de crescimento ou de introversão do mesmo quanto a sua aplicação metodológica na condução da aprendizagem. Portanto, não pode existir comodismo, acreditar que o conhecimento que possui é suficiente, mas é preciso buscar um aperfeiçoamento constante se quiser permanecer no mercado de trabalho como profissionais competentes e dinâmicos. É primordial que o educador acompanhe a evolução da turma, respeite as diferenças de estilo, principalmente que seja crítico reflexivo, tenha condições de pensar e repensar a sua prática, buscando novos caminhos para solucionar problemas, que tenha coerência entre discurso e prática (YOSHIDA e ARAÚJO, 2010, p.17).

O professor de Geografia deve proporcionar consciência ecológica a seus alunos ao abordar questões de cunho ambiental. Competências, atitudes e habilidades docentes demonstram aperfeiçoamento profissional. Somente com reflexão e ação a prática docente pode ser aprimorada. O aluno tem que ser levado a construir seu próprio mundo através dos conhecimentos geográficos transmitidos em sala de aula. A prática docente exige aceitar as situações-problemas e superá-las da melhor forma possível.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados através da pesquisa realizada diagnosticou-se que os princípios freireanos são extremamente relevantes para o bom desenvolvimento da prática pedagógica de um professor de Geografia. Percebe-se que através da pesquisa realizada verificou-se que as contribuições do educador Paulo Freire são de imensurável importância para o Ensino de Geografia. Conclui-se que a investigação realizada nas duas escolas públicas sediadas no município de Frutal-MG foi de primordial relevância para coletar os dados representativos de tal pesquisa elaborada transcrita por meio deste TCC. Faz-se necessário que a luta pela educação libertadora e o combate à educação bancária norteiem as atuais práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores de Geografia que combatendo aos métodos tradicionalistas devem proporcionar aos seus alunos o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes.

Levando-se em consideração esses aspectos diagnosticou-se que o processo de ensino-aprendizagem que não associa teoria à prática é falho

e insuficiente e que a leitura do mundo deve vir acompanhada da leitura da palavra. Entende-se que torna-se necessário seguir os princípios éticos e estéticos freireanos para que o educador possa desenvolver com primor sua prática docente. Ao analisar todas as obras produzidas por Paulo Freire nota-se uma valorização do processo de ensino-aprendizagem através de uma perspectiva libertadora. É preciso que os professores de Geografia aceitem a transformação educacional sendo alegres, otimistas, perseverantes e demonstrando o seu querer bem aos educandos. Abrir mão do diálogo e da pesquisa em âmbito educacional é retroceder no bom desenvolvimento de uma prática pedagógica.

Pela observação dos aspectos analisados verificou-se que esta pesquisa realizada pode motivar a produção de outros trabalhos na área de Geografia e também outras disciplinas valorizando a importância do educador no processo de ensino-aprendizagem. Assim como Paulo Freire inúmeros outros educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Maria Montessori, Darcy Ribeiro, Alceu Amoroso Lima, etc. contribuíram bastante para o campo educacional.

Abordar o ensino de Geografia através da perspectiva educativa pode-se realizar trabalhos embasados em Helena CopettiCallai, Vânia Vlach, entre outros. O educador não é mero transmissor de conhecimento e sim também formador de cidadão, ou seja, este deve proporcionar que as cabeças dos educandos sejam bem-feitas e não bem-cheias.

Na observação das aulas dos professores de Geografia entrevistados através desta pesquisa observou-se que os professores apesar de relatarem nesta aspectos positivos quanto á prática freireana em sua real prática pedagógica encontram intensas dificuldades para desvencilharem-se dos métodos tradicionalistas e transformarem-se em reais educadores democráticos e progressistas. Constatou-se um real distanciamento entre o que se fala e o que se faz como já apregoava sabiamente o educador Paulo Freire. Salienta-se que o encontro entre teoria e prática vem a soar como imprescindível em âmbito educacional. Professores que são adeptos de tal associação já comprovaram a real eficácia impregnada nesta. Apesar de não relatarem observou-se imensuráveis dificuldades enfrentadas pelo professores de Geografia na aplicação da perspectiva freireana em âmbito educacional sendo

que muitos destes não conseguem lidar com eficácia nem com o comportamento indisciplinar demonstrado por alguns discentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L.C. Um diálogo entre a Pedagogia e a Geografia sobre a formação de educadores ambientais. Goiânia: II Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade, 2011. 17p.

ANTUNES, A. Leitura do mundo no contexto da planetarização: Por uma Pedagogia da Sustentabilidade. São Paulo: Editora da USP, 2002. 287p.

ARAÚJO, K.T; BARBOSA, T. Contribuições ao ensino de Geografia: Teorias e práticas pedagógicas a partir de Paulo Freire. Porto Alegre: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010. 8p.

BARRETO, J.C. Educação de adultos na ótica freireana. Salvador: Seminário Latino Americano de Educação de Adultos, 1986. 10p.

BATISTA, A.P. Uma análise da relação professor e o livro didático. Salvador: Monografia apresentada

como requisito para obtenção da Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação da Prof^a. Vivian Antonino, 2011. 65p.

BELLO, J.L.P. Paulo Freire e uma nova filosofia para a Educação. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993. 3p.

BELO, E.M; FERREIRA, G.H.C. A importância da geografia em sala de aula: O desafio de um ensino capaz de formar o cidadão. Batatais: Revista Linguagem Acadêmica, 2012. p.65-82.

BEZERRA, A. A questão política da educação popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.198p.

BORGES, V. O princípio ético-crítico freireano. Curitiba: Revista Diálogo Educacional, 2014. p.213-231.

CALLAI, H.C. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Centro de Estudos Educação e Sociedade, 2005. 45p.

CAVALCANTI, L. S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. São Paulo: Editora Papirus, 2006. 192p.

CORDEIRO, A.A.S. Capoeira, saberes epistemológicos necessários a Educação: Um debate epistemológico. Belém: PPGED-UEPA, 2012.p.10-23.

DICKMANN, I; CARNEIRO, S.M.M. Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra Pedagogia da Autonomia. Cuiabá: Revista Educação Pública, 2012. p.87-102.

DUSSEL, E. Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.p.90-106.

FANI, A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. 85p.

FELICETTI, V.L; SILVA, G.B. Habilidades e competências na prática docente: Perspectivas a partir de situações-problema. Porto Alegre: Revista Educação por Escrito, 2014. p.17-29.

FERREIRA DO VALE, J.M; MAGNONI, M.G.M. **Ensino de Geografia, desafios e sugestões para a prática educativa escolar.** Bauru: Revista Ciência Geográfica, 2012. p.102-110.

FREIRE, P.R.N. **Educação e Mudança.** São Paulo, 1979. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979. 46p.

FREIRE, P.R.N. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983. 93p.

FREIRE, P.R.N. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, 1986. 49p.

FREIRE, P.R.N. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987. 184p.

FREIRE, P.R.N. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Editora Cortez; 1991.144p.

FREIRE, P.R.N. **Carta de Paulo Freire aos professores.** São Paulo: Revista Estudos Avançados, 2001. 26p.

FREIRE, P.R.N. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Editora da UNESP, 2003. 416p.

FREIRE, P.R.N. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005. 54p.

FREIRE, P.R.N. Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006. 127p.

FREIRE, P.R.N. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2007. 157p.

GONÇALVES, G.S; DITTRICH, I.J. A retórica de Paulo Freire em “A importância do ato de ler”. Belo Horizonte: Revista ContraPonto, 2013. 22p.

JUNIOR, A.G.T; RUBIO; G.C; MATUMOTO, F.G.V. A conduta ética do professor com base na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Umuarama: Revista Akropolis, 2009. p.149-158.

KIMURA, S. Geografia no ensino básico. Questões e propostas. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 224p.

KONDER, L. O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx noséculo XXI. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992. 141p.

LINHARES, L.L. Paulo Freire: Por uma educação libertadora e humanista. Curitiba: Editora da PUCPR, 2008. p.10141-10154.

LOPES, C.S. Geografia ou geografias: práxis educativa e formação docente. Florianópolis: II Encontro de Práticas de Ensino de Geografia da Região Sul, 2014. 21p.

MACEDO, L. Competências e Habilidades: Elementos para uma reflexão pedagógica. São Paulo: Editora da USP, 1999. 21p.

MACEDO, L. Competências na Educação.São Paulo: Editora da USP, 2008. 40p.

MANTOAN, M. T. E. Compreendendo a deficiência mental: Novos caminhos

educacionais.São Paulo: Editora Scipione, 1988. 168p.

MASETTO, M.T. Competência pedagógica do professor universitário. SãoPaulo: Editora Summus, 2001. 194p.

MENDES, M.F. A obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire e a prática docente na Geografia: Contribuições para o Pensamento Geográfico. Fortaleza: Revista Geosaberes, 2010. p.27-36.

MENEZES, M.G; SANTIAGO, M.E. Um estudo sobre a contribuição de Paulo Freire para a construção crítica do currículo. Recife: Revista Espaço do Currículo, 2010. p.395-402.

MESQUIDA, P. Paulo Freire e Antônio Gramsci: A filosofia da práxis na ação pedagógica e na educação de educadores. Campinas: Revista HISTEDBR On-line, 2011. p.32-41.

MICHELOTTI, R; ANTUNES, L.F.S; TASQUETTO, R.T.S; FÉLIX, G.T. A formação do professor e sua prática pedagógica. Santa Maria: Editora da UFSM, 2003. 11p.

NUNES, R.A ética universal do ser humano: possibilidades às relações educativas. Dourados: Revista Educação e Fronteiras On-Line, 2013. p.140-143.

OLIVEIRA, S.F; PROCÓPIO, C; VIANA, R.M. Educação Ambiental para Cidadania Planetária – Saber Amar.Goiânia: Superintendência do Ensino Médio de Goiás, Governo de Goiás, 2007.p.189-205.

OLIVEIRA, F.L.B; SILVA, F.N; BEZERRA, S.A.S. Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular: Relato de experiência no LeFreire. Natal: Editora da UFRN, 2013. 4p.

OSTERMANN, F; CAVALCANTI, C.J.H. Teorias de Aprendizagem. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 40p.

PERRENOUD, P. Construir competências é virar as costas aos saberes?. Porto Alegre: Pátio – Revista Pedagógica, 1999. p.15-19.

PITANO, S.C; NOAL, R.E. A formação docente no contexto da “Geografia da Fome”: Diálogos com Josué de Castro e Paulo Freire.Itajaí: VII

Seminário de Pesquisa em Educação na Região Sul, 2008. 13p.

RAMOS, M.M.S; SILVA, J. **Prática pedagógica numa pesquisa interdisciplinar**. Piauí: Editora da UFPI, 2004. 9p.

ROJAS,J; HAMMES, C.C. **Saberes docentes percebidos na prática pedagógica interdisciplinar: Formação de professores de Geografia na UEMS**. Dourados: Revista Educação e Fronteiras On-Line, 2011. p.64-79.

ROMANOWSKI J.P; SANTOS, L. **Estilos de aprendizagem: Subsídios para o professor!** Curitiba: Editora da UFPA, 2003. 9p.

SANDES, A.B; COSTA, J.M.R. **Ensino da Geografia em escolas do campo**. Salvador: Editora da UNEB, 2005. 13p.

SANDES, A.B. **Geografia e Educação: Contribuições da Geografia para Gestão Educacional**. São Leopoldo: Congresso Internacional da Faculdade EST, 2012. p.13-29.

SANTOS, M.A. A natureza do espaço: técnica e tempo - Razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. 260p.

SANTOS, M.A. Por uma outra globalização: do pensamento crítico a consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001. 85p.

SCHRAM, S.C; CARVALHO, M.A.B. O pensar educação em Paulo Freire: Para uma Pedagogia em mudanças. Cascavel: Editora da UNIOESTE, 2008.21p.

SILVA, E.M.A; ARAÚJO,C.M. Reflexão em Paulo Freire: Uma contribuição para a formação continuada de professores. Recife: V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005. 8p.

SILVA, F.C; PENNA, L.O; LUIZ, L. Os sujeitos do processo de alfabetização. São Carlos: Editora da UFSC, 1998. 4p.

SILVEIRA, R.B.L. Competências e habilidades pedagógicas. Fortaleza: Editora da UNIFOR, 2002. 4p.

SCOCUGLIA, A.C. Paulo Freire e a Pedagogia da Pesquisa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011. 19p.

SOTELO, D. A importância do ato de ler. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 8p.

TORO, R. Biodanza. Chile: Índigo/Quarto Próprio. 2007. 88p.

SPIGOLON, N I. Pedagogia da convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação (re-significando a história da educação de adultos no Brasil - 1916/1965). Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. 16p.

THIESEN, J.S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Rio de Janeiro: Revista Brasileira Educação, 2008. 48p.

ULHÔA, L.M; MARÇAL, M.P.V; GOMES, S.A. As questões socioambientais na prática pedagógica de Geografia: Um tema para se discutir a cidadania. Uberlândia: Revista Olhares e Trilhas, 2005.p.37-44.

VIANA, A. **A práxis no ensino de Geografia.** São Paulo: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005. p.16201-16208.

YOSHIDA, S.M.P; ARAÚJO, P.L. **Professor:** Desafios da prática pedagógica na atualidade. Cuiabá: Editora da UFMT, 2010. 20p.

ZABALZA, M.A. **O ensino universitário:** Seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004. 239p.

ANEXOS

ANEXO A- Perguntas realizadas aos professores de Geografia entrevistados

PERGUNTAS FEITAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA ENTREVISTADOS
PERGUNTA 1: O que você sabe a respeito de Paulo Freire e como acha que o pensamento dele influenciou em sua prática pedagógica?
PERGUNTA 2: Os métodos didáticos tradicionalistas são eficazes?
PERGUNTA 3: Já leu algum livro escrito por Paulo Freire?
PERGUNTA 4: Como vem trabalhando os aspectos sociais e culturais com seus alunos?
PERGUNTA 5: O que acha da pesquisa como professora de Geografia?
PERGUNTA 6: Como consegue dialogar com sua turma?
PERGUNTA 7: Você tem produzido artigos? E se não tem o que acha de produzir um a partir de suas práticas pedagógicas?
PERGUNTA 8: Acha que a contribuição do educador Paulo Freire aplica-se ao ensino de Geografia?
PERGUNTA 9: Já viu falar nos termos educação bancária e educação libertadora? Adere á qual modalidade educativa?
PERGUNTA 10: Têm buscado inovar a sua prática pedagógica e seguir os princípios freireanos ao ensinar Geografia?
PERGUNTA 11: Qual a sua opinião sobre a associação entre teoria e prática?
PERGUNTA 12: Ao transmitir os conteúdos geográficos aos

seus alunos faz com que eles alcancem a leitura do mundo ou somente a leitura da palavra?

PERGUNTA 13: Como demonstra o seu querer bem aos educandos?

PERGUNTA 14: Em sua opinião o que é respeitar a autonomia do educando?

PERGUNTA 15: Promove reflexão crítica em suas aulas de Geografia e valoriza realmente as atitudes, competências e habilidades desenvolvidas pelos discentes?

Anexo 1- “Perguntas realizadas aos professores de Geografia entrevistados”.

Fonte: Matheus Machado Silva



Editora Prospectiva